

# SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

2



Tarefa terminada...

# Collecção PARA TODOS

A mais selecta serie de romances, de aventuras, de amor, policiaes e historicos, dos mais eminentes auctores estrangeiros. Literatura sã.

(Chamamos a atenção para os nomes dos traductores, da nova phase desta collecção).

## NOVA PHASE — Volumes publicados

Vol. 6 — E. Barrington — CLEOPATRA  
Traducção de Monteiro Lobato

Vol. 7 — Claude Farrère — A BATALHA  
Traducção de Gustavo Barroso

NO PRE'LO  
Vol. 1 — Jac London — O GRITO DA SELVA — Traducção de Monteiro Lobato.

NO PRE'LO  
Vol. 3 — Percival C. Wren — BEAU GESTE — 2.a edição revista por Monteiro Lobato.

NO PRE'LO  
Vol. 8 — Baroneza Orczy — O PIMPINELLA ESCARLATE — Traducção de Godofredo Rangel.

Vol. 2 — Frank L. Packard — O HOMEM MIRACULOSO — Traducção de Luiz Vianna.

Vol. 4 — Herman Melville — MOBY DICK — «A FERA DO MAR» — Traducção de Alberto Rechstender e Monteiro Lobato.

Vol. 5 — James Oliver Curwood — NOMADES DO NORTE — Traducção de Manuel Bandeira.

## — VOLUMES PUBLICADOS ANTERIORMENTE —

Baroneza de Orczy  
(\*) A Victoria do Pimpinella Escarlata.

E. M. Hull  
O Feiticeiro do Deserto.  
A Captiva do Sahara.

Sidney Horler  
O Homem Calvo.

A Liga do Pimpinella Escarlata.  
Novas Aventuras do Pimpinella Escarlata.

Bang-Fowler  
Os Quatro Diabos.

Henry Holt  
O Trem da Meia Noite.

(\*) Eldorado.  
(\*) O tyranno.  
Sir Percy.  
Rosamaria.

A. E. W. Mason  
As Quatro Pennas.

Elinor Glyn  
Macho e Femea.

(\*) O Favorito de Sua Magestade.  
A Aguia de Bronze.

Rafael Sabatini  
Scaramouche, fazedor de Reis.  
O Capitão Blood.  
O Grande Amor de Antony Wilding.

A. Conan Doyle

H. Rider Haggard  
O Anel da Rainha de Sabá.  
Ella.

Amor em Armas.  
(\*) O Cavalleiro da Taverna.

(\*) A Caixa Sinistra.  
A Cidade Submarina.  
O Veneno Cosmico e o Mundo Perdido.

(\*) A Volta de Ella.  
Benita.  
A Filha da Tempestade.  
Myriam, a Virgem das Perolas.

Erle Cox  
A Esphera de Ouro.

(\*) As Ultimas Aventuras de Sherlock Holmes.

Sax Rohmer  
(\*) O Mystério do Dr. Fú Manchú ou o Medico Infernal.

NOTA: A Collecção "PARA TODOS" é a serie que mais tem merecido a atenção e o interesse do publico do Brasil. Em 74 edicções ha 34 obras exgotadas.

H. G. Wells  
O Homem Invisivel.  
A Ilha das Almas Selvagens.

André Armandy  
O Renegado.

Os livros assignalados com (\*) só ha encadernados.

Edgard Wallace  
O Homem de Marrocos.

Percival C. Wren  
Beau Sabreur.  
Beau Ideal.

BROCHURA 5\$000

(\*) O Gabinete n. 13.  
A Serpente de Plumas.

Thornton Wilder  
A Ponte de São Luiz Rey.

ENCADERNADO 7\$000

(\*) O Intrigante.  
(\*) O Rei da Noite.  
(\*) O Homem Diabo.

R. L. Stevenson  
O Club dos Suicidas

Edicções da

(\*) Sósia.  
(\*) O Enigma da Chave de Prata.

S. S. Van Dine  
Homicidio ou Suicidio?

Cia. Editora Nacional

E. Barrington  
A Divina Dama.

Anthony Hope  
O Prisioneiro de Zenda.

R. dos Gusmões, 24 a 30  
SÃO PAULO

Marten Cumberland  
A Escola do Crime.

Jack London  
Aventureira  
O Lobo do Mar.  
A Filha da Neve.

# Sultana

Revista Mensal Jundiahense

# Um poeta no inferno

Conto de Jeronymo Monteiro

### EXPEDIENTE:

Director:

Casimiro Brites Figueiredo

Secretario:

M. Fagundes Cotrim

Gerente:

Sebastião O. de Miranda

Redacção e Officinas:

RUA DO ROSARIO, 63

Phones: { Direcção, 21  
Secretaria, 621  
Gerencia, 380

CAIXA POSTAL, 70

Assignatura annual 12\$000  
Numero avulso 1\$200  
Numero afrazado 2\$000

ACEITA e publica photographias, instantaneos, collaborações, etc. se estiverem em condições. Dá preferencia a photographias de assumptos que se relacionem com a nossa terra.

Não publica artigos politicos, polemicas, criticas ferinas, etc.

Não se responsabilisa pelas idéas expendidas pelos collaboradores.

Não devolve originaes, mesmo quando não publicados.

— Ora esta!  
— Que é?  
— Veja este papel.  
— Onde estava?  
— Aqui dentro desta «Rethorica de Crevier», edição de 1830.

Estevam pegou no papel amarello que lhe estendi, o-lhou o por uns instantes, depois levantou para mim os olhos interrogadores:

-- Que moxinifada é esta?  
— Sei lá!

Elle deu uma boa risada e voltou ao papel.

Estavamos na minha salleta de trabalho. Eu retirára dum caixote varios livros que meu pae me mandára de São Paulo, e empilhára-os a um canto. Sobre a mesa, á minha esquerda, havia uma pequena pilha de onde eu tirava os volumes um a um para os examinar, classificar, numerar, etc.; Estevam sentára-se numa poltrona e, com uma brochura de Maupassant na mão, absorvera-se na leitura.

Era uma tarde calma de domingo. A janella aberta para a Praça Bernardine de Campos, antigo Largo da Lavanderia mostrava o céu azul purissimo contra o qual recortavam-se os vultos elegantes e esguios de quatro coqueiros solitarios, sobre o fundo do morro verdejante que limitava o horizonte.

O silencio era leve e delicioso como uma caricia. O ruido do mar chegava nos vagamente aos ouvidos, num murmurio cadenciado e longinquo.

Eu encontraria o tal papel no livrinho antigo, tão roido e perfurado pela traça que

quasi se tornava illegivel. Ia atira-lo para o canto dos inuteis onde já se achavam varios outros — quando o papel cahiu de entre as folhas. E' facil calcular que o apanhei logo com curiosidade; mas essa curiosidade tornou-se espanto quando passei os olhos pelo que elle continha, e muito justamente, senão, vejam:

tr A's-es badal em adas quar esc to uro e o voca dem: onio «Don de o mi al nha ma ve! m que que ro mos me tres te o u rei. no Cru as za mã sob os a nu e ca er a gue face. de Diz pois: «Vol eu te ao ákasa, derr em ama mim o alcahest.»

Estevam repetiu:  
Mas que embrulhada é esta?

— Não sei, rapaz. E' o que você vê. Talvez seja a cifra de algum importante documento...

— Qual nada! Isto não me parece senão alguma brincadeira.

— Pode ser...  
— Que diabo! mas não se entende patavina... No emtanto, ha aqui varias palavras conhecidas: ás, que, me tres, crú nú, face, diz, pois, ama, mim... Estas, pelo menos, trazem comsigo um sentido; mas as outras!..E', isto não passa duma brincadeira.

Deu-me o papel e retornou ao Maupassant.

Eu accendi um cigarro e dispuz-me a procurar decipherar a mistura do enigmatico documento. De facto, havia varias palavras conhecidas, mas o resto era indecifavel. Evidentemente era uma cifra. E, no fim, cha-

maram me a atenção duas palavras que eu já vira em qualquer parte, mas que não eram communs: ákasa e alcahest. Essas não eram cifra. Eram palavras claramente expressas. Mas que significavam? onde já as vira?

— Estevam, você não conhece as palavras ákasa e alcahest?

— A casa? não...

— Estas, olhe.

Elle olhou.

— Ah! Espere... são... o diabo! não me recordo muito bem...

— Eu também as reconheço vagamente...

— Já sei! São do occultismo!

— Justamente! Espere, tenho aqui um dicionario de sciencias occultas.. Olhe: «ÁKASA — Substancia viva primordial, correspondente, de certo modo, á concepção que temos do ether cosmico que penetra o systema solar. Toda a coisa visivel é, por assim dizer, ákasa condensado havendo-se feito visivel pela mudança do seu estado supra ethereo para uma forma tangivel e concentrada, e todas as coisas em a natureza podem tornar se de novo em Ákasa e fazer-se invisiveis...» e vae por ahi a fora...

— Upa! Então o tal papelucho talvez queira dizer alguma coisa...

— Por que não? E' bem possível..

— E a outra palavra?

— Alcahest.. vamos ver. Aqui está, logo em seguida: «ALCAHEST» — Elemento que dissolve todos os metaes, e pelo qual todos os corpos terrestres podem ser reduzidos á sua



Precisando depurar o sangue

TOME

## Elixir de Nogueira

Do Pharm. Chim.:

João da Silva Silveira

Feridas,

Espinhas,

Manchas,

Rheumatismos,

emfim, em todas as molestias de origem

Syphilitica!

O Elixir de Nogueira é o unico depurativo do sangue que exhibe e prova com no-

vos e importantes attestados o seu valor curativo!

Tem o seu attestado na voz do povo! Vende-se em toda a parte.

materia original. E' uma força que actua sobre as formas astraes de todas as coisas e, mudando a polaridade de suas moleculas, dissolve-as. O poder magico da vontade é o aspecto superior do verdadeiro alcahest» e continua.

Ficamos calados por alguns momentos.

— O negocio é de occultismo.. — disse Estevam.

E. É de occultismo... Que querará dizer tudo isto?

Tanto eu como Estevam eramos completamente ignorantes dessa sciencia antiga e assustadora. E penso que elle, como eu, não a tomava, absolutamente, a serio.

Puz me a considerar novamente, por muito tempo, o papel.

— Qual, não descubro nada...

— Deixe ver.

Estevam estudou-o por sua vez durante varios minutos.

— Ha varios methodos de cifrar palavras. Você conhece algum? Emilio.

— Não.. Isto é já me recordo bem mas parece me ter lido, ha annos, um livro de Julio Verne onde havia um documento enigmatico, achado, como este, num livro...

— Já sei qual é. «Viagem ao Centro da Terra». Também li.

— Pois é. Elle dizia allí que um dos methodos empregados era ir tomando a primeira syllaba de cada palavra... você não sabe? Já não me recordo...

— Você dão tem ahi o livro?

— Não.

— Mas deve ser isso. To-

«quar» e «to». Resultara «quarto», Sim! Era isso! As palavras tinham sido truncadas e as suas syllabas intercaladas umas ás outras!

Já não era difficil!

Depois de algum trabalho reconstitui as primeiras linhas: Mudando-se o «A's» para a frente ficava formada outra palavra: «tres». Isto era facil: «A's tres; agora, a palavra já descoberta: «badaladas» — «A's tres badaladas»; «em» devia ser uma palavra só; «esc» devia-se supprimir e ficava mais a palavra «quarto»; unindo-se «esc» a «uro», tinha-se «escuro». Já era um bom pedaço: «A's tres badaladas em quarto escuro»...

Então, com relativa facilidade, fui copiando no papel que tinha á minha frente, só a primeira quadra que escrevera:

«A's tres badaladas, em quarto escuro, evoca o demonio. «Dono de minha alma; vem! quero que me mostres o teu reino» Cruza as mão sob a nuca e ergue a face. Diz depois: «Volte eu ao ákasa, derrama em mim hae alcost!»

— Que diabo! Estevam tinha razão. Isto é uma chalaça, e de mau gosto! Quem se daria ao trabalho de brincar deste modo?

Ora que tolice... E o peor é que esqueci os versos para me dedicar a isto...

Puz aquella folha de lado e continuei a espremer o engenho e o sentimento a ver se pingavam rimas e si se metrificavam as phrases.

Em breve, porem, me convenci de que era mais facil decifrar documentos mysteriosos do que fazer versos...

Na noite seguinte Estevam veiu visitar-me:

— Emilio, aqui está o seu Maupassant. Elle tem aqui varios contos brutaes. Esse «L'auveugle» é terrivel. E,

é exquisito, não sei precisar o que é que nos agrada em Maupassant. Delicadesa é coisa que elle não conhece. E' brutal na escolha do assumpto e na maneira de o tratar. Não usa rebuços nem rodeios. Chega a tornar se antipathico ... e gostamos delle! No entanto, voce sabe que entre o meu temperamento e o delle não ha affinidade alguma...

— E' certo, e, demais, para agradar, Maupassant nem siquer se vale de jogo de palavras. Não é a sua phrase que nos impressiona. E' o facto contado em toda a sua simplicidade e crueza...

— E' a Arte! Emilio, é a Arte! — suspirou Estevam.

E depois dum instante de abatimento:

— E' verdade, e o tal papel?

— Decifrei-o.

— E que tal?

— Você tinha razão. E' uma tolice. Olhe, aqui, o tem.

— Que? Estes versos?

Não, não. Mais abaixo...

— Ah! voce anda cortejando as musas, ein? Qual.. Eu bem dizia... O brasileiro não pode fugir a ser poeta.. é inutil. E' um vicio congenito...

— Sim, sim, deixe disso agora... veja a decifração.

Elle leu, e acabou rindo.

— Ora muito bem! Esplendido! Aqui temos uma passagem gratis para o Inferno! Que tal? E se a aproveitassemos?

Dr. P. Calau Mojola

Medico

Rua Rangel Pestana, 11

Phone, 417 — JUNDIAHY

— Talvez não fosse mau... Este nosso mundo está num tal estado de miseria, confusão e hediondez...

Estevam deu uma gargalhada. Largou o papel sobre a mesa e foi até á janella.

Soprava um noroeste que punha uma afflicção nos pulmões e espalhava no ar um mormaço desagradavel.

— Você está só em casa?

— Estou. O meu pessoal foi a São Paulo.

— Muito bem então vou buscar o Eugenio. Elle anda doido por declamar uns versos novos.. Faremos uma pequena sessão literaria.

— Boa idéa! Va buscal-o.

Estevam sahio, a rir.

Eugenio, de quem elle me falara, era um preto retinto, bohemio incorrigivel, poeta e desilludido...

Eu gostava de o apreciar. Tinha uns modos desabridos quando falava de si proprio. Tinha a vida como inutil e estúpida, apesar de ser um bom rapaz. Detestava o orgulho e encarava com soberano desprezo as manifestações de amor proprio dos outros; achava-as vãs e futeis. Timbrava em apreciar os humildes e desherdados da sorte. Era com um ve-lo conversar com um carroceiro em plena rua, ou andar em companhia dum engraxate...

Mas creio que isto, no fundo, não passava duma modalidade de ostentação. Era querer fazer-se notado, a seu modo...

A's vezes, depois de ter dito uns versos novos que sempre applaudiamos (porque, seja dita a verdade, elle era bom poeta) Eugenio lançava em redor aquelle seu olhar de soberbo desprezo e, rasgando raivosamente os seus versos, clamava:

— Vocês são idiotas! Isto não vale nada! Nada!

E sahio a resmungar...

ma-se a primeira syllaba de uma palavra; escreve-se! Depois a da seguinte; escreve-se. E assim por diante. Por exemplo:

Estevam tomou um papel e escreveu: «O homem que era sceptico».

Eu sorri.

Não sorria; vejamos: tomando se a primeira syllaba de cada palavra, temos: «O ho que e scep»; depois a segunda: «mem ra ti»; depois a terceira: «co». Juntando tudo, temos: «O ho que e scep mem ra ti co». Viu? embrulhada completa. Não será este o methodo?

Foi experimentar mas ficou desolado.

Não dá. Creio que não me recordo mais... Isto não é assim.

Sorri novamente:

— Que o que; não vae. E depois veja bem. Si voce tivesse que esconder um segredo numa cifra, empregaria um methodo conhecido? Seria tolice, porque, por maravilhoso que fosse o tal methodo, seria conhecido.

— E' verdade!.. Então..

— Então, é quebrar a cabeça...

Acho que não vale a pena... Isto não passa de uma tolice. Vamos perder tempo á toa...

Quem sabe...

— Ora voce tem cada uma! Não é que está tomando a coisa a serio? Naturalmente voce pensa que o segredo aqui guardado é o da pedra philosophal, da bricação artificial do ouro..

Não, não: nada disso. E' mera curiosidade. Eu queria ver que diabo podiam ter escondido ahi. Ninguem se ia dar ao trabalho de cifrar uma tolice.

Como não? Então não valeria a pena cifrar uma tolice para pregar uma peça aos dois tolos que aqui

Premiada

Fabrica

de

Cadeiras



Guido Pellicciari



Fabrica: Estrada de Rodagem de S. Paulo, s/n. - Phone, 54 - Caixa, 25 - Jundiaby - Estado de São Paulo

estariam a perder tempo discutindo sobre ella?

E Estevam reabriu o seu Maupassant, alheando-se ao resto.

Eu atirei a «Rethorica» ao canto a que era destinada e tomei outro livro.

Mas não pude esquecer o papel. Tornei a toma lo entre os dedos — Que diabo! Não havia de ser muito difficil. Alli estavam varias palavras claras...

Procurei junta las, mas não deu o resultado, que eu esperava.

«tr Ás es» ... (continuei entre min.) este «Ás» deve ser inicio de periodo... «badal», badal, badal, que raio! não sae nada! «Don de»... «rei. no» ... Ah! Aqui está; tirando-se o ponto de entre «rei» e «no» fica «reino». É isso! e o ponto? Mas as palavras occultistas... Não! Isto tem coisa! E' preciso

descobrir. Estevam! Veja se me ajuda. Vamos descobrir isto.

— O que?

— A cifra..

— Ora, mas que quer voce descobrir?

— E' uma curiosidade, rapaz, que diabo! vamos ver o que sae... Elle aproximou a poltrona.

— Veja esta palavra — disse eu — tirando-se o ponto que a separa fica «reino».

E'; e esta tirando-se os dois pontos, fica: «demonio»

— Isso mesmo! E aqui tirando-se o ponto de exclamação: «vem».

— Justamente. E este «derr» aqui no fim?

— ... E assim ficamos durante algum tempo debruçados sobre o estranho papel, sem descobrir nada. Afinal, eu é que desanimei:

— Não sae nada, Estevam. Vamos dormir que é melhor...

— Que horas são?

— Quasi meia noite.

— E' hora. Vamos. Isso é tolice... Olhe, eu levo o seu Maupassant.

x x x

O papel ficou esquecido sobre a minha mesa.

Uns tres dias depois, lutava eu para dar forma a uns versos impossiveis, e no desespero de conseguir o meu fim, procurei, inconscientemente, uma distração. E os meus olhos cansados cahiram sobre o papel esquecido. Foi bem vindo porque me livrou, por momentos, da tortura que me perseguia.

De subito, lendo rapidamente, pareceu-me ver: «badaladas». Voltei atraz. Não. Era «badal em adas». Mas, quem sabe? suprimindo-se o «em» ficaria certo? Seguindo o exemplo, logo adiante tirei o «esc» dentre

## Casa de Saude Fratellanza Italiana

Ralo X — Electrotherapia — Laboratorio para Exames Clinicos — Corpo Medico dos mais eminentes, reunido todos os dias uteis na Casa de Saude, das 13 ás 15 horas. — Diagnosticos, Operações, Partos. — Tratamento das affecções da pelle, das vias urinarias, syphilis. Prompto socorro aos accidentados a qualquer hora do dia e da noite. — TELEPHONE, 394 —

para voltar dentro em pouco, com outros versos, novos tambem!

Cá para mim, sempre pensei que, se elle rasgava na nossa frente a papelada em que escrevera as suas bellas rimas, não deixava de ter em casa, bem guardada, uma copia...

Quando Estevam voltou, vinha acompanhado pelo poeta negro e por outro rapaz que eu não conhecia.

— Erasmo, um bom amigo, e cultor tambem das Lellas letras...

— Ah! muito prazer...

Era um moço alto, alto, com olhar amortecido e fixo.

Começamos a falar, e o tempo foi correndo. Eugenio estava vibrante de pessimismo. O seu olhar fais-cava sob a luz electrica e elle erguia-se, ás vezes, na ancia de apostrophar a vida.

— Muito bem, Eugenio — interrompi quando elle falava, esmurrando a mesa — e a poesia? Nada de novo, hoje?

Elle olhou-me durante uns segundos, depois, levantando-se, calmamente, tirou do bolso interior do seu coçado casaco, um maço de papeis encardidos e marfanhados. Escolheu um, desdobrou o e disse:

— Então, ouçam:

MINHA VIDA...

Minha vida... nem sei... uma caricia leve... E depois, uma lagrima; um lamento,

E em breve, A Maldição que para o meu maior tormento

Cobriu de neve Meu doido Sonho de Deslumbramento...

Em reticencias, hoje, a minha vida Consiste...

E, palmilhando a estrada dolorida Que nos conduz ao Sonho, Indago si a FELICIDADE existe... E, para alliviar minha desolação, Tenho no Espaço, como uma unica resposia, Um ponto enorme de interrogação... (\*)

Terminando, Eugenio, ao contrario do que eu esperava, não rasgou o papel; atirou o para a minha mesa e deixou-se cahir sobre a cadeira, com o rosto entre as mãos.

Depois, estivemos algum tempo em profundo silencio.

Erasmo, fazia o que fizera desde o primeiro minuto: sorria.

Approximava-se a uma hora da madrugada quando Estevam lembrou que seriam horas de ir andando... — Espere — disse eu. — Eugenio, você já viu um papelucho que encontrei um dia destes dentro dum velho livro?

— Não.

— Olhe.

— Não entendo nada.

— Então veja este. E' a decifração.

Eugenio, leu attentamente, depois, dando um murro na meza, exclamou:

— Com os diabos! que esplendida occasião de ir para o Inferno!

Eu e Estevam cahiamos numa gargalhada, emquanto Erasmo tomava o papel das mãos de Eugenio.

— Agora, Emilio — disse-me Eugenio — você vae me permittir que fique em sua casa até ás tres horas... até á hora de ir para o Inferno.

Elle falava com absoluta seriedade, a testa enrugada e o olhar sombrio.

— Mas que quer você ir fazer ao Inferno? — perguntou Estevam

Oh! Procurar qualquer cousa melhor do que «isto» (e elle fez um gesto que abrangia o mundo). Lá não ha de haver tanto cretinismo nem tanta inveja...

— Não brinque com estas coisas — disse Erasmo, muito serio.

— Você acredita que seja possivel ir até lá?

Não posso afirmar, Eugenio, mas é possivel... tudo é possivel!

— Ahi está! Disso é que eu gosto! Imaginem que delicia! Ir para o Inferno! Qual o quê! é a unica resolução sensata que podemos tomar neste mundo!

— Mas, Eugenio, — disse Estevam — você escurecerá tudo por lá. Os diabos hão de ficar muito satisfeitos com isso.

— Não é possivel. Nem todos os diabos juntos serão mais negros do que eu, é verdade, mas nenhum ha de ser mais claro...

E assim chalaceando insensatamente passamos os minutos. Eugenio já decorara as palavras do documento e esperava a occasião de cumprir o rito e dize-las.

A's tres menos um quarto, quando Eugenio me pediu que o levasse a um aposento bem escuro, começamos a ficar vagamente inquietos.

— Não se metta nisso, Eugenio — disse Erasmo — não se metta nisso. Você não sabe o que faz. Não devemos brincar com estas coisas..

Braintree declarava ter uma impressão vaga de que alguém passara no corredor quando lá se achava. E Silver apostaria seis contra um que esse «alguém» era o auctor do crime.

E o seu pensamento voltava teimosamente a Sally Marsh, ao seu segredo e á supposição de que no fundo do drama havia qualquer cousa occulta que não sabia ainda o que fosse. Não conseguira atugentar a idéa de que Sally guardava, ainda que sem o saber, a chave daquelle mysterio.

Sem base e sem razão, por uma especie de instincto previsionista, Silver julgava que Sally Marsh estava na imminencia de um perigo. Tinha a impressão de que um homem energetico e sem escrúpulos, talvez o proprio assassino ou seu cumplice, rodasse em torno da moça, esperando o momento proprio para atingi-la.

Sally não conhecia e não podia conhecer com elle, inspector e caçador de crimes e criminosos, as profundezdas estonteantes das almas e dos recursos de que eram dotados os bandidos. O bom senso e a intelligencia da moça podiam livral-a dos perigos communs de seducção de uma cidade como Londres, com seus sete milhões de habitantes. Mas seu bom senso e intelligencia não a livrariam de uma réde pacientemente urdida pela vontade de um criminoso intelligente ou de uma quadrilha.

Sally, como a maior parte das moças londrinas, abandonava-se a um sentimento de confiança, reforçado pelo respeito imposto a todo o mundo pelo «policeman» existente em todas as esquinas. O crime, para ella, era qualquer cousa que só anda nos romances e nos jornaes, qualquer cousa interessante, algumas vezes passional, mas existindo num outro mundo, longe do seu.

O lapis de Silver continuava a tamborillar na escriptura e o seu cantarclar crescia em enthusiasmo.

## SULTANA

mesa, ao lado do fatidico documento.

Afinal, a madrugada foi encontrar-nos no porão, cansados, desorientados, e cheios de doloroso espanto, com os olhos vermelhos e ardentes, o coração angustiado e o cerebro repleto de emoções que os labios não sabiam traduzir.

Era a madrugada do primeiro dia que Eugenio não viu sobre a terra...

Paz ao seu espirito, no Inferno!

(\*) Depois do desaparecimento do triste poeta, guardei os seus versos, e agora, que eile não está entre os vivos, dou-os á estampa.

— Não — ria Estevam — elle faz muito bem. Vai conhecer coisas novas, mudar de ambiente, fazer poesias aos diabos...

Eu sentia um não sei que no peito, apesar de estar certo de que tudo aquillo era uma farça. E accedi na sua continuação. Fomos para o meu quarto, que deixamos mergulhado nas mais profundas trevas.

Somente Estevam é que cortava, de quando em quando, com uma piada, o impressionador silencio. Erasmo estava contrariado. Eu ia dizer qualquer coisa, quando o relógio começou a bater. Era um carrilhão e a sua musica impressionou-me tão profundamente naquelle lugubre silencio, que senti escorrer-me pelas costas um suor frio.

A voz cava de Eugenio ergueu-se:

— «Dono de minha alma, vem! Quero que me mostres o teu reino!»

Depois elle interrompeu-se por um instante. Per certo, cruzava as mãos sob a nuca e erguia a face...

— «Volte eu ao ákasa, derrama em mim o alcahest»...

Era demais! Tremulo, dei um pulo e apertei o interruptor electrico.

E então vimos a coisa mais espantosa do mundo:

No quarto estavam apenas tres: eu, Estevam e Erasmo, e no ar um tenue novelo de fumaça azulada revolteava, desprendendo um vago odor de lâ queimada...

— Que brincadeira é esta — exclamei — Eugenio!

Silencio. Apenas o tremor sonoro que o carrilhão deixara no ar.

— Eugenio!

Nada!

Mas elle não podia ter sahido. A porta, tal como a janella, está fechada por den-

tro,—disse Estevam, agora alarmado, sem animo para pilheriar.

— Talvez se escondesse... — Eu bem dizia—murmurava Erasmo, pallido, tremulo—não se deve brincar com estas coisas...

Puzemo-nos a procurar o poeta negro, embora no intimo estivessemos certos de que elle desapparecera definitivamente.

E procurámos pela casa toda, minuciosamente, anciadamente!

Não encontramos o malavizado poeta. Delle restava apenas um velio chapeo e com a fita esgarçada e ruça e os versos pessimistas que haviam ficado sobre a minha

## A MILONGA DAS ALMAS MOVEDIÇAS

Parou a taça de absinthio pertinho dos labios, que eram uma papoula muito vermelha, e disse, quasi num sopro, para que ninguém sorbesse que ella falava mal da vida:

— Se eu tivesse uma alma sincera para dar áquelle homem...

E sentinellou, com o olhar avido de ciume, o sujeito que estava no outro canto do salão, dando que beber a uma mulher loira e alta.

— Se eu tivesse uma alma sincera...

Todos nós sabiamos que tal era possível. Milonga tivera, para cada aventura do seu destino, uma alma indifferente.

Ella era como as areias que se renovam nos desertos sem fim.

Gostava mesmo que a chamassem a milonga-das almas-movediças.

Por isso, na irreparavel noite de sua vida, só havia sentido a marcha funebre do tédio plangendo

dentro do seu coração vazio.

— Se eu tivesse uma alma que fosse um perfume azul de Worth a manchar a alegria daquelle homem...

Uma alma que fosse um whisky forte a embebedar de amor aquelle homem...

Uma alma que fosse um gesto de braços bailando o momento musical bonito da felicidade, para envolver aquelle homem e tornal o meu no arrependimento de provar a harmonia do meu corpo...

Se eu tivesse uma alma assim, como eu esqueceria o meu destino triste e resurgiria, contente, para o mundo...

E afastou a taça de absinthio, para pertinho dos labios, que eram uma papoula muito vermelha.

As milongas sempre desas ancias.

Mas Dona Vida é caprichosa: contraria a gente no melhor...

DECIO DALTRO

Faria Sally falar.

E sua mão se immobilizou e momentos depois apañhou o indicador dos caminhos de ferro. Folheou-o e consultou o relógio.

— Que formidavel idiota sou por não haver pensado nisso antes! — exclamou, enterrando o chapen na cabeça.

Tomou, um minuto antes da partida, o rapido que se dirigia de King's Cross para Peterborough.

## CAPITULO IX

## UM MYSTERIOSO VISITANTE

Queira sentar-se, senhor Crump — disse Lawrence Bruce, o director do Syndicato Anglo-Americano de Theatros, ao seu velho chefe de escriptorio — O senhor trabalha commosco desde a fundação da nossa sociedade. Raros são os nossos negocios que o senhor ignora. Esse assassino é uma terrivel cousa para o Syndicato.

— Sim, com effeito.

— Para dizer a verdade, com o desaparecimento do senhor Ismay o Syndicato recebe um golpe irreparavel.

Crump parecia um actor de terceira ordem e excessivamente gordo. Era, entretanto, um auxiliar de valor e capaz, em determinados casos, de substituir qualquer dos chefes.

— Tarde ou cedo Scotland Yard deslindará o mysterio desse crime — continuou Bruce — mesmo que Enid não se restabeleça, o que é provavel. E' preciso que todos nós aqui do Syndicato concorramos, um pouco que seja, para a resolução desse problema. Que pensa delle?

Crump acariçou a nuca.

— Sou pae de familia, senhor Bruce, e, portanto, de-

vo ser prudente. Mas devo confessar que, em determinados momentos, teria assassinado de bom grado o senhor Ismay.

— Quer dizer que elle era um pouco enervante?  
— Quero dizer que enriqueceu em negocios, o que é certamente um modo de a gente arranjar uma porção de inimigos.

— Supponho que elle devia ter alguns -- admittiu Bruce pensativo. — Quasi todos os homens de negocios têm inimigos. Suspeita o senhor de algum?

— Ganho o meu sustento neste Syndicato e tive que usar de grande força de vontade, durante muitos annos, para supportar o senhor Ismay. Já que deseja que seja franco, direi que, numa avaliação nada exaggerada, mais de metade dos grandes empresarios de Londres e alguns de New-York acreditariam ter prestado um serviço á humanidade si torcessem o pescoço do senhor Ismay.

Bruce concordou com um signal de cabeça. Constatava, com curiosidade, como um mundo de cousas turvas surge á superficie, nas grandes crises. Durante annos e annos Crump guardara uma attitude deferente e humilde e sempre havia manifestado dedicação e admiração por Ismay. E tudo era fingimento ou temor de perder o emprego.

E não pôde deixar de a si mesmo indagar o que pensaria o seu velho chefe de escriptorio de um senhor chamado Lawrence Bruce. Essa idéa deu-lhe um pouco de bom humor.

— Ouviu alguma vez ameaças de morte proferidas contra Ismay?

E olhava attentamente para o seu empregado.

— Não, jamais ouvi ameaçarem no de maneira clara.  
— Tudo o que disser ficará entre nós dois, Crump. Precisamos chegar a qualquer parte dessa meada. Quando não, ao menos tentar. E' possivel que não obtenha-

velam ameaças. Não foi visto depois das 5 horas da tarde e o trem para Londres deixa York ás 7,20. Seu desapparecimento parece indicar sua culpabilidade.

SALLY MARSH. — Que esconderá ella? E por que esconderá qualquer cousa?

Neste ponto o lapis do inspector se deteve e Silver se poz a cantarolar, relendo o que escrevera. Atirou, depois, com ar de desgosto, o bloco para cima da escrivaninha.

Tudo aquillo era bonito sobre o papel, mas era preciso convir que apresentava lacunas sobre lacunas e, além disso, contradições. Exemplo: si Oliver Foss commettera o crime como pareciam indicar as notas typographadas da sua entrevista com Ismay, por que Sally Marsh, que não era uma creatura impulsiva, suspeitara de Ismay como autor da tentativa de morte contra Enid? Ismay não se estragulara a si proprio. Não havia annos da policia o caso de algum que se estrangulasse com as proprias mãos.

De outro lado, si o mysterioso Nobby era o assassino, havia difficuldade em se emprestar um papel para Foss naquelle caso. Nobby podia ter commetido o crime por ciúme ou para roubar. E os estados de alma de um escroque de Londres, como Nobby, difficilmente podia interessar a um homem de negocios de York.

Os olhos de Silver voltaram-se para o bloco que estava em cima da escrivaninha. Não havia nenhuma razão evidente para que o criminoso fosse, forçosamente, uma das seis pessoas da lista.

Quem era, por exemplo, o velho pastor protestante que parecia dormir profundamente numa cabina perto da de Enid?

E si o crime, o que era provavel, fosse commetido antes da chegada de Braintree no corredor? Devia haver mais de duas centenas de passageiros no trem e cada um de per si podia ter sido o criminoso.

# =: SULTANA =:

ANNO II — (2.a phase) — REVISTA MENSAL — N. 27

Jundiahy, Dezembro de 1935.

A ultima rhapsodia do numero vinte-e-cinco

## NATAL

E as folhinhas quasi estertorando de velhas, assomavam nas boccas berrantes e vermelhas a sua ultima rhapsodia do numero vinte-e-cinco . . .

Era Natal.

Milonga fazia muito por conservar nos labios, rosetipped o sorriso duma felicidade que ainda não se desorientára.

Entanto, quando fala o coração a gente principia por perceber que se torna inutil resistir ao destino enfermo e triste da propria vida.

Por isso, aquella noite e no ambiente esbatido de mulheres esquisitas — miscellanea, medley, pot-Pourri, puzzle . . . — a alma de Milonga carrilhonava a emoção parda de uma saudade desvairada.

Lá fora, a vida fascinava num fim de primavera com muita alegria pelas arvores, pelo céu e em torno da multidão bastante nitida e rapida das ruas.

E Milonga recordava uma cidade languida, toda abanada de tangos e esvoaçante de outras milongas vagas e subteis, quem sabe mais felizes que ella, e onde ficára o argentino indolente do bandoneón convidativo.

E nos labios sem energias, nos olhos macios, em todo o corpo implorante daquela mulher commo-vida, pompeava o pequeninó e irresponsavel gesto que sempre é a unica coisa contente de que o mundo é capaz.

Ella ansiava por merecer a vida. Era grande a sua lucta pela conformação. A penumbra do seu sofrimento. A decepção, surda e bruta. Que estava tão longe de quem lhe dava amor!

Afinal, comprehendeu que aquella bem ia num recuo lento, que se deformava, baralhava e envolvia na nebulosa das coisas que não podem continuar: e então, dentro de Milonga, a felicidade chorava, embaçada, como os olhos vêem através das lagrimas . . .

A distancia fumegante dos transatlanticos obrigava-os a acabar com o seu sonho vertiginoso!

Era simples. E' bem simples morrer . . .

Mais que a noite absurdamente divina os corações, febris renovam as chimeras desmaiadas, lançando-se, talvez, ao mesmo caminho, com os mesmos desejos, sob os mesmos anhelos, para voltar a começar . . .

Era simples. E' bem simples morrer . . .

E as folhinhas quasi estertorando de velhas, assomavam nas boccas berrantes e vermelhas a sua ultima rhapsodia do numero vinte-e-cinco . . .

## NATAL

Decio Daltro

# Para que titulo?

Vivo á margem da vida. Mas máo grado meu, sou humano Devo ter alma. Parece mesmo que já amei. Por isso gosto de observar os accidentes e incidentes que formam a attribulada vida humana. As paixões que agitam este planeta abasverus tocam-me. São manifestações de vida.

Quasi creio em patria. E penso ser nacionalista apesar dos meus esforços e apesar de Schimidt dizer que o nacionalismo é um sentimento peculiar dos ebrios.

Gosto de São Paulo Foi numa cidadezinha morta do interior, que vim ao mundo. Sem saber porque. Nem para que. Mas, nada disso vem ao caso.

Tenho observado a alma joven da Paulicéa. E fico triste: um lamento continuo, doentio e lacrimajante

de rapazes a proclamarem desgraças, infortunios e ingratidões das amadas; soluços e desesperos wertherianos de moças a verberarem despresos e abandonos.

Serão todas as paulistas voluveis?

Os paulistas não passarão de perjuros? Ou é o espirito triste, morbido, que dizem estar na fibra do brasileiro?

Estas perguntas fizeram-me pensar numa singular enquete:

— Você é feliz, minha garota?

— Si não o é, o que julga necessario para tornala feliz? ou então:

— Que pensa do Amor, da Felicidade, da Vida?

Felizmente tudo isso não pas ou de pensamento. Ficou por ahi.

O profundo egoismo que rege os actos todos dos que amam, esse «aristipismo» que domina suas almas, annulla-lhes a faculdade da Razão.

Prazer, prazer. Eu, eu, sempre eu. Para mim só e sempre para mim.

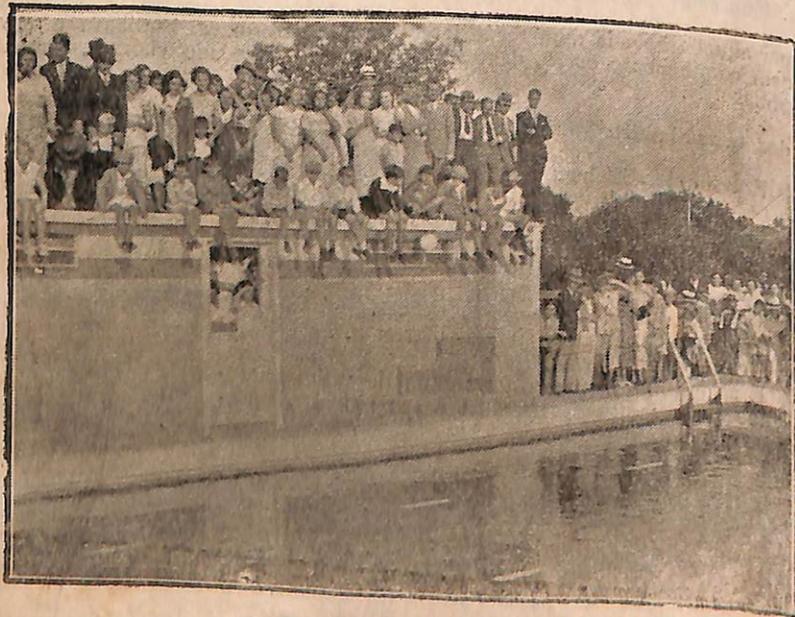
Mas, para que essa continua nota dolorosa em nossa juventude?

Talvez pelo prazer de soffrer... Seremos por acaso propensos ao ascetismo?

E eu, como todos, sem concluir (coisa horrivel a conclusão) quasi extra-terreno, finco o cotovello no joelho, o queixo na mão e...

Continuo a me deliciar com scenas e trechos desse «film» sem começo, sem fim, que dizem chamar Vidua, mas que eu acho que nem nome tem.

Anatolio.



A Festa da Esportiva

Parte da grande assistencia.

# Factos e Boatos Jundiahenses

## JUNDIAHY

Procurar historiar os factos passados ha centenas de annos, testemunhados tão sómente pela natureza virgem, e sobre os quaes os documentos são tão falhos e ao mesmo tempo tão escassos, é uma tarefa penosissima, que demanda um tempo ditado para colligir, aqui e ali, dados positivos, categoricos, que attestam a veracidade dos factos, que hão de constituir as provas exhiberantes da historia.

Jundiahy, enquanto seja uma cidade antiquissima e tradicional, não apresenta do seu passado um vestigio seguro, por onde possa seguir, com probabilidade de exito, o historiador imparcial.

Essa missão trabalhosa, é

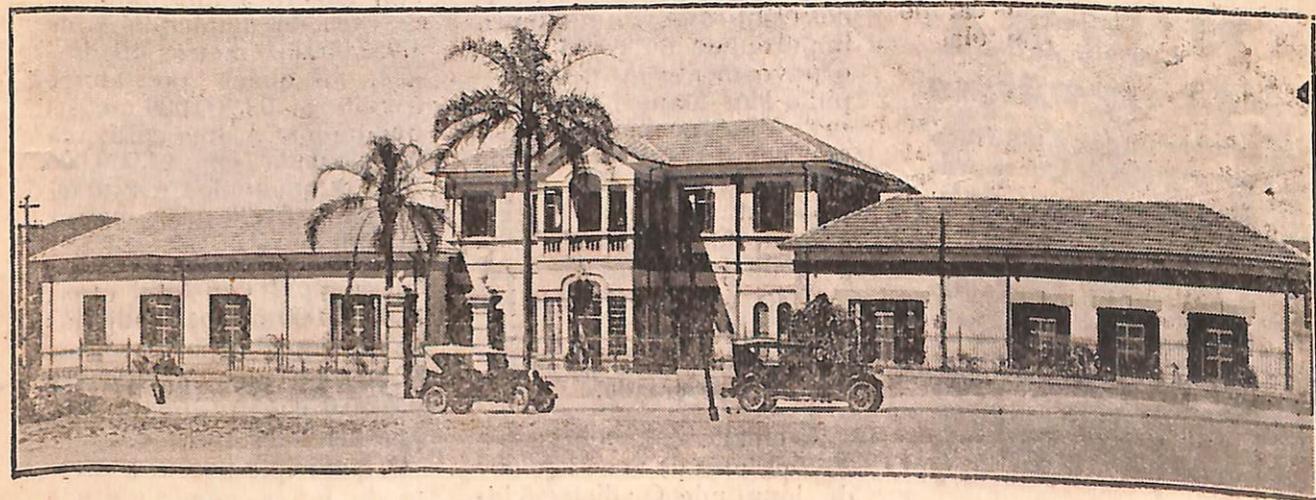
que vamos teatar, valendonos de documentos que conseguimos colligir, não sem muito custo e de conjecturas que amparadas pelo raciocinio, guiar-nos-ão á hypotheses aceitaveis.

Pelos annos do primeiro quartel do seculo XVII, a Villa de «Piratininga» em crescente prosperidade, era o ponto procurado pelos colonisadores que o governo portuguez enviava em continua sexpedições, com o fim de povoarem a rica possessão, arrancada por um effeito do acaso, dos mares, pela esquadra que em 1500, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, buscava a róta das Indias.

Entre as levas de coloni-

sadores, a mór parte era constituída por sentenciados á degredo, que eram mandados para o Brasil, aproveitando desse modo o governo portuguez um meio facil de ter sempre á sua colonia em progresso, ao mesmo tempõ que se via livre de maus elementos na metropole.

Jundiahy, que significa na lingua dos naturaes da terra — «Rio dos Bagres» — é hoje, uma das mais floresentes comarcas do Estado de São Paulo e está situada a Noroeste da Capital, sobre uma extensa e aprasivel collina cercada de valles e á margem esquerda do rio que lhe empresta o nome



Casa de Caridade São Vicente de Paulo, inaugurada por D. José Gaspar de Affonseca e Silva, no dia 1 de dezembro.

Sendo o rio de que se trata abundante em peixes, especialmente «bagres», chamado pelos indigenas «Jundiás» deu esse facto azo, a que a hoje nossa terra recebesse esse nome com a dissinencia — Y — rio em lingua «tupy».

Jundiahy teve começo pelos annos de 1615, por imigração que para aqui foi feita por Raphael de Oliveira e a viuva Petronilha Rodrigues Antunes, naturaes de São Paulo, os quaes, com suas respectivas familias, tendo ficado criminosos, para fugirem á perseguição da Justiça, internaram-se pelos sertões, assentando vivenda no lugar que está hoje a povoação e edificando logo depois uma Capella sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro.

Não ha, segundo as mais cuidadosas investigações, meio de se apurar onde o ponto inicial da cidade de Jundiahy.

Certamente a fertilidade do solo ou o conhecimento da existencia do aldeamento a que deram o nome de Jun-

## NUTRA seu organismo

sempre que se sinta fraco ou esgotado. Quasi sem gasto nem esforço poderá V. S. manter todo o vigor e robustez. Tome o rico oleo de figado de bacalhão que a Sciencia Médica recomenda, na forma mais certa de ser assimilado e de lhe dar forças, a



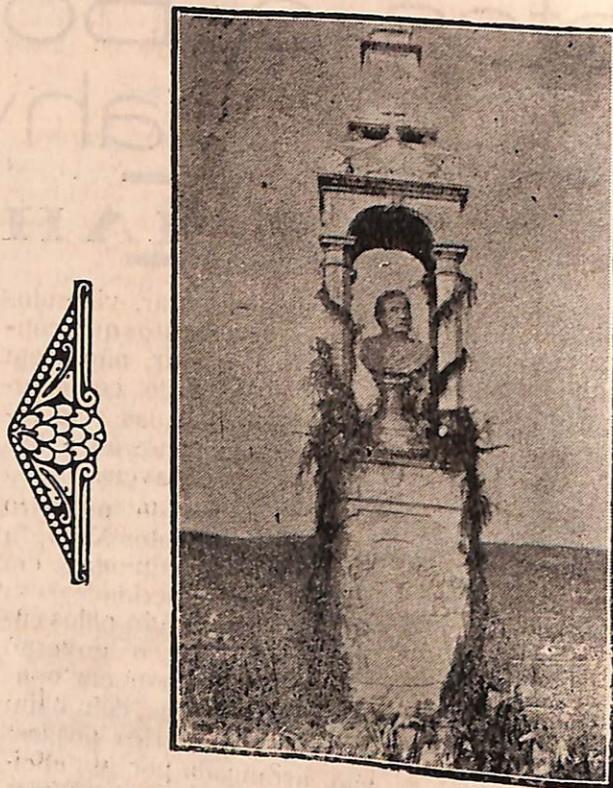
**EMULSÃO  
de SCOTT**

diahy attraiu novos aventureiros e o concurso de alguns indigenas da tribu dos «Guayanazes» dominadora dos campos de «Piratininga», impulsionou de certo modo o povoamento até que o Capitão-Mór Manoel de Quevedo Vasconcellos, como Loco-Tenente procurador do Conde de Monsanto, donatario da capitania de São Vicente, deu o foral de villa, a 14 de Dezembro de 1655.

A lei provincial n. 25 de 28 de Março de 1865, elevou a villa de Jundiahy, á categoria de cidade.

A cidade está collocada a 23°2' de latitude S. e 331°3'30" de longitude O.; dista 55 kilometros e meio da Capital; 38, kilometros de Campinas; e 50 de Itú. Altitude sobre o nivel do mar é, nos trilhos da estação da «São

### FINADOS — Tumulo do saudoso padre João José Rodrigues, conñado agora, aos cuidados de D. Maria de Souza



Paulo Railway Company» de 704m.5 e no largo da Matriz de 750m.

A superficie approximada da area do municipio é de 1.052.900.000 metros quadrados, dos quaes prestam-se á cultura 702.900.000 metros quadrados. A area cultivada é calculada em 24.000.000 metros quadrados e a inculta em 678.900.000 metros quadrados.

Da superficie total . . . . 340.000.000 metros quadrados são occupados por florestas 50.000.000 por pastagens e 95.000.000 metros quadrados, por planicies.

O municipio possui a «Serra do Japy», com a altitude de 1.225 metros, occupada por grandes florestas, apresentando terrenos em sua maioria de quartzo-granítico; a «A Serra do Botujurú»

com a altitude de 1.100 metros; o morro do «Mursa», com 1.100 metros de altitude, com constituição geologica em que predomina o granito, é occupado tão somente por vegetação rasteira, especialmente capim; o morro «Grande», com 1.200 metros, occupado por florestas e apresentando camadas geologicas de granito, quartzo e feldspatho; o morro «Agudo» com 1.075 metros, florestas, quartzo e granito; o morro «Noraega», com a altura de 1.200 metros com ricas florestas e solo de feldspatho.

Os mais baixos do municipio, são: «Sapezal» «Remem», «Banhado do Jacaré» e «Itupeva», com depressões medias de 200 metros.

O solo é constituido por rochas eruptivas: granito, Hornblende, basalto, mica-schisto, schistos argilosos, quartzo, feldspatho.

Banham o municipio, os rios «Jundiahy» com um curso de 50 kilometros; o «Jundiahy-Mirim» com 20 kilometros; o «Guapeva», 20 kilometros de curso, lança-se no «Jundiahy» junto a ponte de S. João; o ribeirão da Cachoeira com 15 kilometros; o ribeirão da «Ermita», com 13 e o do «Carurú» com 12 kilometros. Os rios «Jundiahy» e «Guapeva» e o ribeirão da Ermita são aproveitados como força hydraulica, sendo os dois primeiros e o «Jundiahy-Mirim», muito piscozos. Com excepção do rio «Jundiahy», que nasce no municipio de Atibaia e lança-se no Tieté, junto ao salto de Itú, todos os outros tem nascente e foz, dentro do municipio.

Os «Jundiahy» e «Guapeva» dão occasião a enchentes prejudiciaes e nenhum é navegavel devido a grandes obstaculos: saltos, corredeiras formadas por blo-

cos de pedra e rocha nativa e pela pouca profundidade. Nas margens do «Jundiahy», existem para mais de 20 kilometros de terrenos alagadiços, formando enormes pantanos.

As produções principaes do municipio são, do reino vegetal: café, milho, feijão, mandioca, batatas, arroz, uvas, fumo; do reino animal: gado vaccum, suino, lanigero e aves; do mineral: tijolos, telhas, louça de barro, tubos para exgottos, pedras graniticas. A renda do municipio é orçada em . . . . . 285.000\$000 annuaes e a sua população, segundo o ultimo recenseamento (1910) é de 32.000 habitantes.

(Do «Almanach de Jundiahy», de 1912).

## 1884

Junho 14 — E' entregue á camara a seguinte resolução: «A Comissão abaixo assignada encarregada da demarcação dos limites da cidade, na forma determinada pela lei n. 86 de 25 de Junho de 1881, o faz pela forma seguinte:

Pelo lado de Itatiba será a ponte de Santa Cruz, pela estrada de Atibaia a ponte de São João; d'ahy segue a linha ferrea Paulista até a estação da Companhia Inglesa, abrangendo seu contorno até o pao de signal da linha Inglesa pela estrada de rodagem da capital, a casa de Antonio Felipe, pela rua e caminho de Pirapora a capellinha de Santa Cruz situada em frente dos pastos de Francisco Seraphim; pelo lado do Cemiterio dos bexigentos o corrego denominado — rio do Matto; pela estrada de Itú o corrego Anhangabahu' finalmente pelo lado da estrada de Campinas o Cemiterio Municipal.

Jundiahy, 14 de Junho de 1884.

Collector. Joaquim Teixeira Cavalheiros, Joaquim Bedn.º de Queiroz Telles Jnor., Luiz Antonio de Ol.ª Cruz.

A demarcação é feita por meio de termos.

«Do Almanack de Jundiahy» de (1912)

## Pensamentos vagabundos

O amor é uma creança viçosa, engraçadinha, que a gente vê, admira, toma ao cóllo e... decepciona-se.

x

A esperança é uma mentira que pregamos em nós mesmo.

x

A felicidade é o rotulo que vem collado numa garrafa vazia.

x

A dôr é a unica palavra feminina que se dá bem em ambos os sexos.

x

O soffrimento é o amigo de infancia, que acompanha a dôr nas suas peregrinações pelo mundo.

x

A vida é o meio de se fazer uso de todos os sentidos, com o fim exclusivo de alcançar a morte.

x

A morte é o meio mais efficaz de se exterminar a vida.

x

O sonho é a prova dos nove de tudo o que ficou dito.

IGAR.

## - Um beijo no escuro! -

Aconteceu numa terça-feira, noite calida, scintillante de estrellas de verão.

Não foi no jardim, nem no largo S. Bento, nem na esquina! ...

Foi no Polytheama ...

Pudéra! Era tão linda a fita!

Havia um casalsinho sentado á minha frente. E que casalsinho! Ornavam de facto ...

Ao começar o filme, ouvi-os falar: «vamos fazer um trato? Você é a mocinha e eu sou o mocinho».

-- Está feito!

Desenrolou-se rápido o romance! Por duas ou três vezes a Paramount fez os artistas se abraçarem. E por duas ou três vezes, os dois namorados sentados á minha frente uniram se num só, unico e sentimental abraço.

Numa das phase: do filme, os arti-tas quasi se beijaram. E o casalsinho, quasi se beijou!

Por fim, estavam já impacientes, pois o epilogo do romance parecia ser contrario ás deliciosas e humanas aspirações dos dois pombinhos.

Estavam qua-i desfazendo o trato, quando o Ramon e a Ramona do celluloid ficaram de bem e um prolongado beijo fechou com sello de ouro o lindo romance.

Os dois namorados tambem não perderam tempo!

Beijaram-se longamente, deliciosamente, notando se que o rapaz, mesmo ser separar seus labios dos da sua pequena, coçava se tambem, longamente deliciosamente, contra as pul-

gas, infelizmente tão indiscretas.

Uff! Que fita! Que calor! Que pulgas!

Só eu (coitado de mim) enxugando o suor e tambem ás voltas com as ferrotoadas, maldizia a sorte de ser tão ... solitario!

Junior

### Encerramentos do anno lectivo

Na Escola Normal Livre desta cidade, realizou-se no mez de Novembro, com uma bella e artistica festa escolar, o encerramento do anno lectivo do Curso de Applicação.

Tambem na Escola Profissional foi commemorado o encerramento do anno lectivo com um optimo programma festivo.

Simultaneamente foi aberta a 1.ª exposição dos trabalhos executados pelos alumnos daquelle estabelecimento de ensino que, no seu primeiro anno de funcionamento, demonstrou o progresso obtido pelos alumnos.

### A Festa da Esportiva



Grupo de Professoras da Escola de Educação Physica de São Paulo

## FARRAPOS

Quando os teus olhos garços chorando a saudade de um amor irrealizado, vieram sonhar visões de ventura á beira da minha vida, andavam colibrís roxos esvoaçando sobre o silencio de tumba das minhas desillusões ...

O meu galanteio não teve uma phrase de consolo para a tua agonia, e os meus olhos não souberam lacrimejar lagrimas para a tua tristeza ...

Apenas num gesto preciso, pode offertar-te uma pouca do meu desconforto sentimental ...

Ficaste ...

As vezes numa volta do riacho, o volteio as aguas tambem atira uma flor emurhecida sobre a margem arida do lago, ignorada, tranquilla e talvez feliz ...

Ficaste ...

E das cinzas da minha magua, da essencia do teu soffrer, irrompeu vagarosamente a illusão fagueira, que anda prodigamente a encher de luz o recanto sombrio do nosso sentimento ...

Mas um dia; como as flores emurhecidas á margem arida dos lagos, que a cheia arrasta, envolvendo no torvelinho selvagem das aguas, tu irás tambem para sempre da nossa tapera ridente, onde outróra andavam colibrís roxos, esvoaçando sobre o silencio de tumba das minhas desillusões ...

10.000.000 de canaes num comprimento total de .....  
3.000.000 de centímetros.

O intestino humano mede apenas 8 metros de comprimento; nos rins ha 10.000.000 de canaes que, enfileirados, se estenderiam por 30 kms. E', portanto, tão importante manter a regularidade do funcionamento dos rins quanto a dos intestinos.

Os rins trabalham incessantemente para expellir do organismo os acidos e detricos venenosos extrahidos do sangue.

Os rins das pessoas sadias expellem diariamente cerca de litro e meio de secreção composta de agua, uréa, acido urico, materias corantes e detricos organicos. Quando a urina se torna escassa, é signal de que os tubos filtradores dos rins estão obstruidos por venenos. Isso é perigoso e constitue o principio de dores lombares, ciatica lumbago, inchação nas mãos, sob os olhos e nos pés dores rheumaticas, tonteiras, perturbações visuaes e cansaço.

Os rins merecem cuidadosa atenção e, tanto quanto os intestinos, devem ser limpos de vez em quando Para limpar, desinflamar e activar os rins preferam as Pillulas de Foster, cujo uso não constitue mais uma experiencia e sim uma certeza de bons resultados.

### Associação dos Emp. no Commercio

Commemorando a passagem do decimo primeiro anniversario da sua organização social, a A. E. C., a veterana e pioneira sociedade de nobres e elogiosas iniciativas, fez realizar nos dias 21, 24 e 25 de dezembro trez festivaes dansantes que marcaram exito.

No dia 21, ás 21 horas, teve inicio a festa com a recepção aos convidados. A's 24 horas, depois de iniciado o baile, falou o nosso collega de imprensa, sr.

João Baptista Figueiredo, orador official da Associação.

Os festejos, como nos annos anteriores, revestiram se do maior brilho.

A' A. E. C. as felicitações de «Sultana».

### Incidentes

O nosso amiguinho depois que foi visitar a noiva lá na bella cidade de Santos, voltou scismado de que deveria aprender a guiar motocycleta.

De inicio, procurando o caminho mais acessivel, alugou uma bicycleta e foi aprender a se equilibrar.

Uma razão o levou a alugar a bicycleta: era mais leve e caso lhe cahisse em cima o accidente seria sem nenhuma importancia.

Não poucas foram as pessoas que o viram fazendo peripecias sobre a «machina». Tombos e zig-zágs não faltaram, como é natural.

Em dado momento, com a atenção muito fixa no seu objectivo de aprender o mais breve, não notou um barranco de pouco mais de 80 centímetros fóra do nivel da estrada e...

A historia daqui em diante é tristissima. O nosso amigo esfolou consideravelmente as pernas, raspol o nariz e conduziu lamentavelmente meia duzia de escoriações diversas pelo corpo.

Neste momento, conduzido pela «scisma» que trouxe de Santos, talvez esteja a espera de melhorar para iniciar as tentativas.

Mais uma vez digo: «amor, amor... a quanto obri-gas!»

Tudo isso porque, penso eu, a pequena gosta de um «passeio» numa daquellas cestinhas collocadas ao lado das machinas infernaes que o vulgo «chama» de motocycleta.

Éte

Joni

# Sociedade

## Lgrimas...

Você, com os olhos tristes me disse que havia chorado por causa de seu primeiro amor desfeito.

Pobre menina! Quando seu coração se abriu para a vida, quando seus olhos brilharam de alegria ao ver alguém, quando sua bocca sorriu alegremente para alguém, quando seu pensamento pensou demoradamente em alguém que passou em sua vida, nesse momento mesmo sua illusão foi a mais amarga das desillusões... seu coração quasi parou seu rythmo, seu pensamento quiz estacionar eternamente naquelles breves momentos de feliz illusão e seus olhos choraram as primeiras lagrimas de amor...

As primeiras lagrimas... gottas silenciosas que deslisam docemente pela face em finos fios brilhantes... ellas exprimem a maior dor porque são as primeiras lagrimas vertidas pelo primeiro amor desfeito.

As primeiras...

E quando de novo seus sentidos despertarem para outro sonho, quando de novo seu coração "sentir" alguém, sempre, sempre. Você sentirá o gosto amargo daquellas gottas que desceram silenciosamente pelos cantos de seus labios, daquellas primeiras lagrimas vertidas pelo primeiro amor desfeito...

Mas não tenha medo... procure viver novos amores que trarão novos prantos, porque o amor é todo feito de lagrimas... e, com o costume, aquelle dolorido gosto de illusão desfeita transformar-se-á em um gostinho de agua levemente salgada... mas continue, continue sempre chorando, pois com as lagrimas Vocês todas só não conseguirão o que não desejarem...

## Anniversarios

DEZEMBRO:

Dia 29, menina Maria Enid deira.  
Dia 30, d. Celeste Gandra.  
Dia 31, menino Roberto Kohler.

JANEIRO:

Dia 1, snta. Nelly Sachetto.  
Dia 2, meninos Rubens F. Gandra, Plinio Poli e menina Therezinha Castro Berber.

Dia 4, d. Judith Ferreira Alves e snta. Bromilde Burger.

Dia 5, srs. Simão Pedro Agostini, Pedro Lopes Pereira e d. A. layde Ladeira Escrivão.

Dia 6, srs. Gervasio Fernandes, Italo Bellini e d. Rosa Henriques.

Dia 7, jovens Nelson de Mello Figueiredo, Alvaro Pereira Silva e d. Guaracyra Oliveira Bommesel.

Dia 8, sr. Francisco Pereira de Castro e d. Maria José Bueno.

Dia 9, srs. Oswaldo Sachetto, Armando Mazzuia e snta. Iracema Brescancini.

Dia 11, srs. João da Silva Oliveira, Hygino Pacheco e d. Helena Pereira.

Dia 12, sr. Frederico Nielsen, d. Amalia Vidille Machado e d. Fídelina Martinelli Pandini.

Dia 13, d. Eliza Nielsen, menino Plinio Marques Móra e a menina Alzira Macedo.

Dia 14, srs. Salvador Laureano e Frederico Nano.

Dia 16, menina Maria Aparecida Rangel.

Dia 17, d. Deogina C. Ferreira e o menino Romeu Vieira Silva.

Dia 18, sr. Adriano Brescancini e a menina Mercedes Spina.

Dia 19, sr. prof. Giacomo Leão e snta. Olga Galafasi e o menino Joaquim Faber Ferraz.

Dia 21, srs. Lazaro Miranda Duarte e Samuel Guazelli.

Dia 22, sr. Bento de Siqueira Filho e o menino Paulo Newton Ladeira.

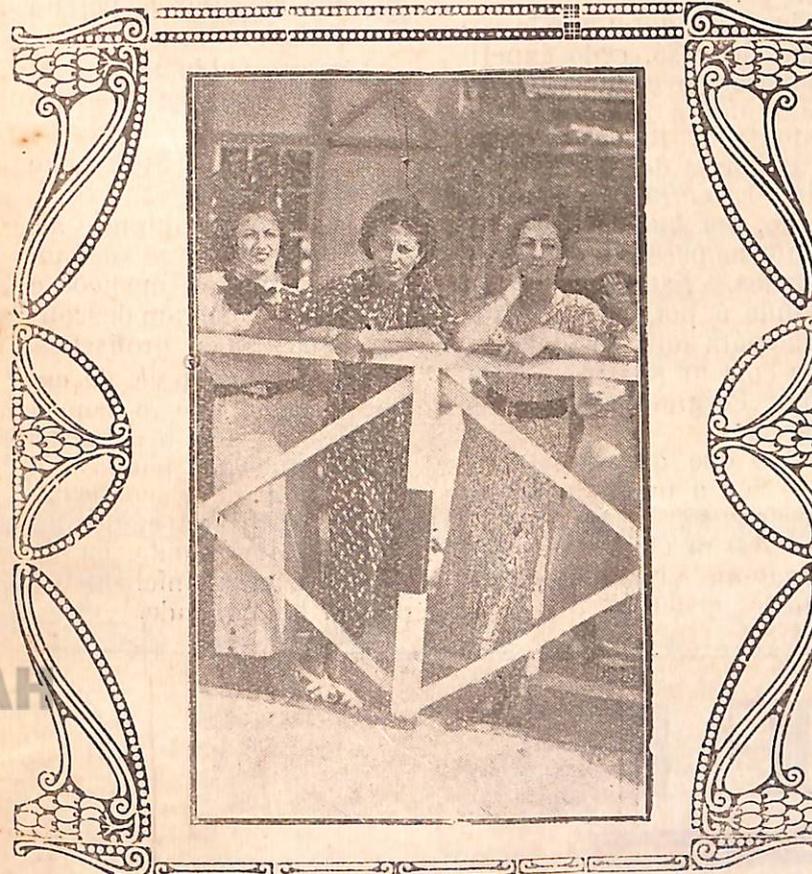
Dia 23, srs. Aldo Pelliciani, Roberto Castro Basile, snta. Ida Zamparoli e a menina Nilce Vidille.

Dia 24, sr. Rubino de Freitas.

Dia 25, jovens João e André Callegari; menina Aparecida Carneiro de Campos.

Nossas felicitações.

## NA ESPORTIVA...



## Felicitações

Da firma Viuva Silveira & Filhos, fabricantes do famoso Elixir de Nogueira e nossos distinctos annunciantes, recebemos attencioso cartão de boas festas e felicitações para o anno de 1936.

«Sultana», retribuindo, agradece penhorada.

## «O Popular»

Este nosso collega de imprensa local, fez circular dia 15 de dezembro uma edição especial em 44 paginas, ricamente illustradas e repletas de optimos arti-

gos, commemorando a auspiciosa data do seu primeiro anniversario de fundação.

Mais uma vez «Sultana», que sabe apreciar o esforço e a boa vontade dos jun-diahyenses, apresenta suas felicitações a «O Popular».

## Nascimentos

«Sultana», este mez, tem o prazer de registrar o nascimento de novos conterraneos e futuros leitores.

Annotamos pois, o nascimento de Elizabeth, filha do sr. Rodolpho Zimmel e d. Varenka Ferraz, occorrido a 9 de dezembro.

— Luzia, filha do sr. Felipe Seckler Machado e d. Amalia Vidille Machado, em 13 do corrente.

— Theudes; o primogenito do casal sr. João Segura Y Grioles e d. Maria Vidal Segura, em 12 do mesmo mez.

Aos felizes paes, nossos cumprimentos, e aos novos conterraneos, os nossos votos de felicidades perennes.

## Convite

A directoria da Sociedade «Radio Educadora Paulista», que tem sua estação transmissora á Rua Carlos Sampaio n. 107, teve a gentileza de nos convidar para visitar o seu estudio e assistir as irradiações dos seus novos e finos programmas. Possuindo 10.000 watts de potencia, enfileira-se hoje, entre as principais sociedades do genero.

Gratos.

## Contracto nupcial

Estão com o seu enlace matrimonial contractado o Snr. Arnaldo Martinelli, filho do Snr. Antonio Martinelli, funcionario da Contadoria Paulista, com a senhorinha Rozalina Pinto, filha do Snr. Antonio Pinto, funcionario da S. P. R.

Ao futuro jovem par, desejamos muitas felicidades.

## «A Comarca»

Essa nossa presada collega local, verá passar no dia 3 de Janeiro p. f. o undecimo anniversario de fundação. Os que sabem quaes as dificuldades que se offerezem ao jornalismo do interior, podem bem aquilatar o valor dessa ephemeride.

A' nossa collega apresentamos os mais sinceros parabens.

## A tia Miséria

Era uma velhinha muito encarquinhada e andrajosa. Parecia que tinha nascido com o mundo. Vivia em uma cabana de pedra secca e coberta de colmo e ramalhão, e por fortuna tinha apenas uma pereira sempre assaltada pelos garotos da rua. Uma vez um peregrino foi pedir lhe pousada e a tia Miséria deu-lhe a manta com que se cobria, e a unica migalha de pão duro, que tinha para passar o dia. Quando luziu a aurora, o peregrino despediu-se da tia Miséria e disse-lhe que pedisse o que quizesse, pois que lhe seria concedido. Ella pediu-lhe pouco.

— Uma coisa peço e mais nada».

— Pedi á vontade, tiazinha».

— Peço que quem subir á minha pereira não possa descer sem minha ordem».

— Será satisfeito o teu desejo».

Como os garotos não sabiam do caso, cedo experimentaram o efeito do dom maravilhoso; e choraram, pedindo á tia Miséria que os deixasse descer da pereira. E serviu-lhes a dura lição, por que as peras ficaram na pereira sem serem furtadas. Estava-se nisto, quando á porta da tia Miséria pára outro viandante, mas com ar sinistro e agitado. Perguntou-lhe a tia Miséria:

— O que quereis?»

— Sou a morte e venho buscar vos».

— Assim tão de repente? Deixae-me viver mais um anno».

— «Não pode ser . . .»

— Pelo menos deixai me comer aquella ultima pera, que está ahi esquecida . . .»

— Isso sim».

— Fazei-me então, a esmolinha de subir á pereira e colhei-a».

A morte subiu, mas a velha, pelo dom que recebera, disse logo:

— Fica-te ahi, até eu te mandar descer».

E é certo que durante algum tempo não se davam obitos; e padres, medicos e boticarios, andavam descontentes das suas profissões.

Assim a morte teve de entrar em combinação com a tia Miséria; que a deixasse descer, que lhe poupava a vida. E fôo o que aconteceu: porque a Miséria, enquanto o mundo fôr mundo, ha de existir sempre, infelizmente para a humanidade.

# SULTANA

Aos seus distinctos assignantes,  
annunciantes, leitores e colaboradores,  
deseja Boas Festas  
e um feliz e prospero Anno Novo

1935

1936

**FÊ**  
Jayme P. Coeli

Pai, mãe, e trez filhos, abandonados pela fortuna, mas amparados pela esperança, numa manhã de frio, em que o caminhar aquecia, partiram. A estrada a percorrer era longa — mais de quinhentos kilometros, — a que vai de S. Paulo ao Rio. Que fazer, porem, si o destino daquellas cinco creaturas, na Terra, era padecer a fome e tiritar de frio, sem uma queixa e uma repulsa, confiantes na paz do Senhor?

Partiram. Os passos eram lerdos, mas constantes. E de que lhes valia perseverar naquelle meio hostile, em que o operario, por mais que procurasse emprego, fosse em que fosse, não encontrava? Nascidos e creados em S. Paulo, vivendo, até nas horas de maior progresso da Metropole, o mais pobremmente possivel, e agora, sem trabalho e desamparados pela sorte, inimigos de estender a mão

ás esmolas, e incapazes de mendigar o pão duro da caridade, lá se foram, estrada afóra, meio mortos, pela penuria, meio vivos, pela fé.

Trouxinha ás costas, os cinco andarilhos da miséria foram seguindo a sua rota. A's vezes cançados e esfoameados, quedavam-se á beira da estrada, sobre um barranco ou sobre um abysmo, desanimados. E aquelles olhos, já seccos, de tanto chorar, nas quatro paredes das vicissitudes da vida, que para elles era procurar trabalho e não achá-lo, fitavam o Céu, como soffredores e crentes que eram, e lá no alto, seja pela fraqueza physica, seja pela moral catholica, na penumbra do infinito, viam o Redemptor. E vendo o, lembravam-se dos padecimentos e das injustiças de que fôram victimas elevavam-se, encorajados, cheios de vida.

E partiam, de novo, depois de repartirem, entre si, um pedaço de pão. Como, naquelle instante, a falta de

vinho lhes lembrasse a Ceia do Creador, o velho pai, não pela idade, mas pelas agruras soffridas, descia a encosta e, a custo, numa canequinha de folha enfeijada, trazia a agua, o vinho daquella ceia da miséria. Então, uma luz de esperança os enlaçava e lhes dava forças, tornando-lhes a jornada menos ardua, e os cinco seguiam, estrada adiante.

Foi num momento de desespero e contricção, que a mulher, esposa daquelle pobre trabalhador, e mãe daquelles trez filhos, falou: — «Nascemos em S. Paulo, mas somos filhos do Mundo. Si aqui não encontramos trabalho, sigamos para o Rio, que é governado pelo Pai Adão».

E naquella madrugada seguiram, alentados pela fé, que dá vida aos morimbundos. E a passos lentos, soffrendo fome e sede, depois de muitos dias, e de desesperanças e esperanças, vieram se no centro da maior cidade brasileira. Exhaustos

# PFAFF

## O orgulho da industria allemã

A machina de coser PFAFF é um movel indispensavel em todo lar pela sua belleza e utilidade.

A machina PFAFF é fabricada na Allemanha desde o anno de 1862; paiz que tem a supremacia da industria mechanica, o que garante ser a machina PFAFF a melhor machina de coser.

Para demonstrações dirijam-se á sub-agencia na rua Barão n. 46, onde funciona a escola de bordado e de corte de costura de curso gratuito.

**Natal Carletti**  
Representante

pelo longo jornada, enfraquecidos pelo jejum obrigatório, mas fugindo á caridade publica, numa das ruas mais movimentadas, encostaram-se a uma parede, e ficaram, absortos, quasi inanimados, e divinos. como ovelhas de Jesus.

Transeuntes caridosos, vendo os, mettiã a mão no bolso e curvavam-se até os infelizes. Mas elles recusavam, dizendo que Deus tambem soffreu, e porque, elles, que eram seus filhos, não podiam carregar a sua cruz? Deixassem-nos. Agradeciam a philantropia, mas si lhes chegara a vez, iam, felizes, para junto do Senhor.

A população, que se rebelava contra a exploração dos falsos miseráveis, que fazem da sciencia do pedir uma profissão, notando o despreendimento daquela familia, e não podendo ajuda-la, levou o caso á policia. Commissarios, a paisana foram ter com elles, e disseram-lhes da necessidade de acceitarem alimentos. Mas elles, obsecados pela idéa de que eram chamados ao Reino do Céu. nada acceitavam. Foi quando um ardil sherlockiano do policial, fe-los comprehender a impossibilidade de continuar na via publica, assediados pela curiosidade

e offendidos pelas ofertas de esmolas. E pai, mãe e trez filhos dirigiram-se a um chalet da Delegacia. Lá, com uma tactica feliz, foram alimentados.

Deus, lá das alturas celestes, compadecido da situação daquela familia, que n'elle cria, lá da amplidão enviã os alimentos que os nutriria, fortalecendo-os e dando-lhes a estabiidade physica e mental.

E a familia da miseria alimenta-se, mais confiante no Senhor. A fé vivifica a alma; a alimentação o corpo.



## A Festa da Esportiva



## RETALHOS...

Calor!...

Lá na rua as gentes passam para os seus Destinos debaixo do sol tropical que eleva o meu termometro a 33 a sombra.

Na casa do visinho um radio quebra desairosamente a monotonia que vae pelo interior da minha casa.

E eu desejo tanto o silencio. Esse silencio que só nos convem quando temos uma imagem que paira em torno de nós como uma divindade.

Ha no mormaço da rua

qualquer coisa que se assemelha ao calor que sinto.

A minha alma estará triste? Estará alegre? Desalentado?

Nem eu o sei. Parece-me que ella, a minha alma que não é boa, que não é ruim, está cansada. Um cansaço extranho...

Cançada do mundo? Não! A minha alma não pode, não deve sentir tamanha fraqueza.

Calor!

Calor é o que está condu-

zindo as gentes que mendigam nos passeios publicos, a sombra estreita.

Calor é o que me retém nesta solidão a pensar. Pensamentos vagabundos. Pensamentos de amor. Sonhos do passado. Sonhos do presente. Sonhos do futuro que me fazem mendigar uma sombra bemfazeja de illusão eterna.

Se eu voltasse aos tempos de creança. Ao saudoso tempo de garoto, este calor (seria este?) seria combatido sob uma arvore á margem de um rio arriscando-me aos tropelões da policia.

## A Festa da Esportiva



Mas ahi, então, eu não teria você...

Não. Não convem voltar. Deixe o calor que vá dando motivos para lamentações a toda gente.

Eu não devo lamentar.

O meu calor, aqui nesta sala cujo unico rumor é o radio do visinho, é sentido somente na alma. Sonente eu o sinto, somente eu sei o seu valor.

O thermometro que suba! Suba! Para mim não existem thermometros.

A massa humana que siga. Eu fico pensando em você, mesmo que sejam pensamentos vagabundos...

Os meus pensamentos evolvam-se pelo ar como serpentinhas de fumaça, mas são pensamentos sinceros.

VICTOR MORENO

## Vanessa, seu drama de amor

(Os grandes filmes do anno)

G. de C.

A menina pobre abriu os olhos para o amor. Mas foi infeliz porque se enamorou dos olhos negros de um rapaz rico.

A familia do rapaz rico não gostou da escripta... mas as amigas da familia do rapaz rico é que acharam essa historia ruim de uma vez...

A menina pobre ganha a vida trabalhando heroicamente e não joga no bicho... As amigas da familia do rapaz rico jogam no bicho, andam de auto e fumam em surdina...

Isso se chama diferenciação social... logo as amigas do rapaz rico ficaram escandalizadas porque elle estava «brincando» com a moça que não fuma mas que trabalha heroicamente.

As moças ricas casadas, solteiras e etc. vão aos bailes da «haute gomme».

Nesses bailes ha buffets com whisky, gin, corredores em penumbra, terraços á luz das estrellas, smockings e decotes com farrapos de vestidos á guiza de pingentes...

Ha decotes escondendo vestidos, baton nos lenços dos rapazes e valsas com o salão illuminado pelo brilho dos olhos e ausencia de luz...

Os bailes que a menina pobre frequenta são pagos na porta... mas não se apaga a luz para maior melodia das valsas...

Nesses bailes quando «hay algo» a policia intervem e os jornaes fazem escandalo.

As moças ficam alvoroçadas com isso... mas não se lembram do furioso «catch-as-catch-can» dos bailes da «alta...» e quasi sempre ellas são as protagonistas dessas lutas livres... (Mas isso não se diz... todos sabem disso, niguem fala e fica tudo como antes...)

Emquanto as moças bonitas ornamentam phantasticos pyjames com calças de largura astronomica e fumam com piteiras freudianas, a moçinha pobre passa com seu chapéu simples, trabalhando pelo pão diario...

Isso se chama «alta» e «baixa».

Por causa dessa diferença a moça pobre viu seu amor desfeito e chorou...

Se ella fumasse, dançasse com a luz apagada, dissesse meia duzia de bobagens em francez, vestisse decotes de seda e não trabalhasse, principalmente não trabalhasse, seria uma moça respeitavel...

Seria respeitavel e seria um «bibelot» de completa inutilidade.

Seria um «bibelot» que, á voz de «lavar pratos» poria a bocca no mundo e passaria 4 dias na casa dos paes — exactamente como as ricas amigas do rapaz rico...

Mas ella trabalha, anda vestida e não fuma... por isso ella viu seu sonho desfeito e chorou...

# A Missa do Gallo

Especial para "Sultana"

O Antonio Bento brigára com a Chica Marcondes. Estavam «de mal» semanas a fio, desde o «mutirão» do Maneco Socó.

Arrufos sérios, aquelles! Já viéra o Imbuava, com a fala macia com que defendia os ladrões de cavallo. Já viéra o Mandico da «Pharmacia Alegria». E um bando de primas, entre mucochos, e uma inveja inconsciente nos olhos rasgados... Mas qual! A Chica sa-hira ao pae. Aquelle «peão» *desabotinado*. Que domára o potro mais chucro na fazenda Mumbuca. Quebrando a prosa do Nico Carapanã...

— *Pussive! Antão um hóme óia pra gente com uns óio de gato morto! Garra de conversá em todas as festa. Passeia co'a gente despois da novena, dansa cummigo nos recortado. Jura que morre si num me vê tudo o dia. E mã a gente farta na festa fuiz verso á Tudinha do Tromotó...*

— *Vance num vê, nha Chica, que o Tonho tava numa tiaporanga*

brava quando respondeu ás *quadrada* daquelle feitio...

— *Quã nada! Cummigo é ansim! Num sô sobejo que se pinchá fóral! Tá cabado! Elle que namore aquella véia quatrólha, qu'eu tamen já num penso mais nelle nem um tiquinho!...*

O Antonio sumira. Passava os dias na officina, fabricando rojões para o Natal. Não passeava mais pelo Jardim, nas horas bulhentas. Quando as moças andavam, aos bandos, em torno dos canteiros regados de luar.

E os companheiros mofavam em risinhos perversos, espicaçando a tristeza do rapaz. Vingando-se das «taboas» que lhes pregára nos caretês, sempre firme na viola. Repenicando as quadrinhas perfeitas. Que punham mais brilho no olhar das *chinas* do bairro. E distilavam mais odio nos olhos dos rivaes...

— *Antão nho Tonico, vance anda encafuado móde a Chica Marcondes? Num se açolere ansim, home!*

*Inté fica feio pro maió violero de Taquary...*

— *Ará! Tô trabaiano que nem preto mina, móde os foguetes pro Nata'... E as inleição?... o Directorio já mando pedi cincoenta rojões pra festejá a victoria municipal...*

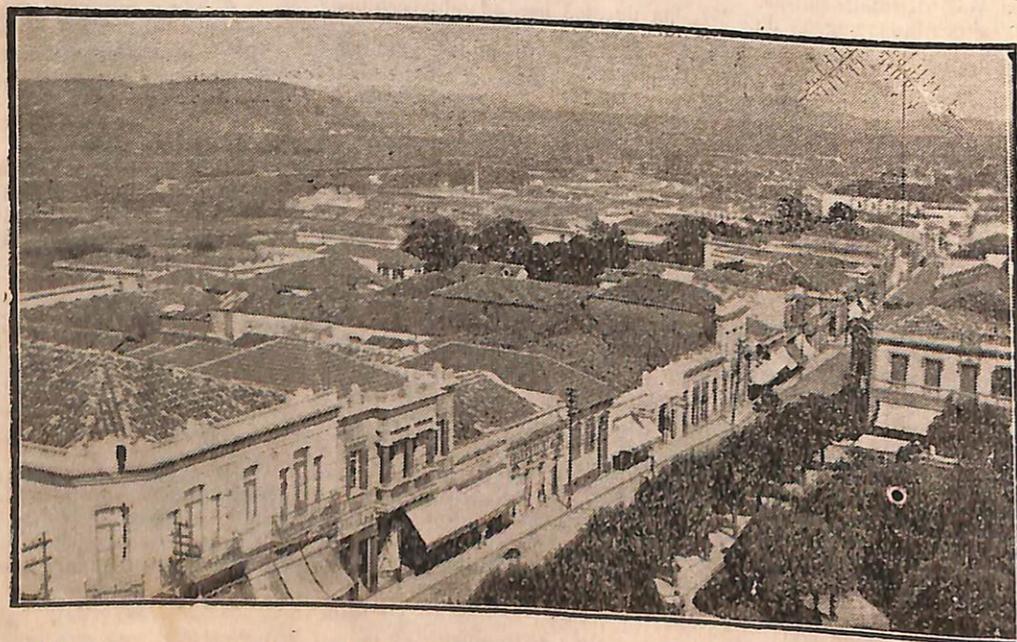
E os dias passavam. O sol era um disco de ouro sobre o azul esmaltado do céu. A vida cantava nas aguas do rio, engrinaldava-se de folhas nas trepadeiras enormes. Abrindo-se em corólas na alegria colorida das roseiras. Nos cachos brilhantes das mangueiras floridas...

E elles olhavam a natureza em festa. Abanando lentamente as cabeças, num desconsolo inconfessado:

— *Nossa! Que tempo! Esse caló bóta a gente desanimado...*

E de balde, nas noites claras, o sino da Matriz bimbilhava festivo,

JUNDIAHY



Vista parcial da cidade, apanhada da torre da Igreja Matriz.



Um grupo de amigos de «Sultana»

para a novena da Immaculada..

— *Eu não que num vou.. Despois ella que só apparece lá móde ve ella numa pubu damnada... Mas oia que seria hão cia' a Chica com o rabo dos oio na sahida da reza... Pacencia!*

E a vespera de Natal chegou emfim. Anunciado pela foixinha berrante da «Casa da Sorte». A D. Maria armou um presépe *macóta*. E ligou o radio para São Paulo. O cinema deu «matinée» infantil, com Oliver Hardy e Stan Laurel. Um Papae Noel governamental distribuiu pelo correio, cédulas para eleição. E o vigario lembrou, encarecidamente, a «misa do gallo», em que falaria um grande orador sacro. E os caboclos marcaram encontros com as morenas no caminho da Matriz...

O relógio da Pharmacia dá onze horas. A noite está linda. E o povo alegre, comunicativo. A estrada branqueia na encosta do morro, batida em cheia pelo luar... O vento parado. As sombras imóveis parecem estaticas. Um mysticismo evolva-se dos ramos quietos, estendidos como offerendas á noite religiosa do Natal. Silencio. Meditação. Recolhimento.

As conversas descaem. Oromeiros calam-se, tocados pelo mystério cinzento da payzagem. Na indecisão do plenilunio.

Hora torva das assombrações. O balbuciar das conversas rarefaz-se, ainda, ao defrontar o capão mal assombrado. Onde, á meia noite em ponto, ha um tremendo guaiú de phantasmas brancos. Farandulando deididamente em torno dos ipês...

E porque ha perigo, mais se juntam os pares, mãos apertadas, numa comunicação de pavores recaldados. Subito, um grito abafado. *Visagem?* Não... A Chica Marcondes encontra-se com o Antonio, que finge assobiar despreocupadamente uma trova mineira. Aprendida no mutirão...

Mas o medo vence. As mãos se tocam, apertam-se, soldam-se, timidamente a principio. Depois numa ancia louca. Traduzindo confidencias reprezaças. Perdoando, reciprocamente, os sustos, os dias passados á espera do impossivel. Narrando os devaneios das semanas a fio que passaram sem se encontrar...

Retardam o passo. Deixam-se ficar, bem juntos, os olhos nos olhos. Esquecidos dos phantasmas. Surdos ao sino que começa a bater no campanario prateado de luar. Aos rojões que espoucam festivamente no alto do morro. Aos moleques que malham os postes, lá em baixo, dansando de alegria.

E, uma hora mais tarde, os caboclos somnolentos que desciam o morro, de volta da Missa, quasi os encontraram, balbuciando as phrases ternas, os juramentos eternamente renovados...

Quando, nas horas de ócio, as companheiras zombam do seu namoro reatado, a Chica Marcondes explica, mostrando os dentes pequeninos:

— *Ara, queria vê vanceis no meu loga'... O padre num disse que perdoussemos aos outro toda as offensa? Antão? Só assim é que podia esquece.*

O que a Chica não diz é que tem uma grande ogeriza ao canto dos gallos. Que, na vigilia do Natal, cortaram-lhe em meio o extase de um beijo. Em baixo do capão mal assombrado...

Dalmo Belfort de Mattos

(Presidente da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo.)

*A modestia no homem é como o pudor na mulher esse alguma cousa de velado, de timido, de secreto, que é a infinita delicadeza do sentimento.*

Arthur Orlando

*Ao elogio da sua virtude, a mulher prefere sempre o da sua belleza, o homem o do seu talento.*

Jose' Verissimo

holland — bolsa encontrada intacta e com mais de 50 libras.

A vingança e o ciúme poderiam ter sido moveis do crime si uma historia de amor ligasse Ismay á moça. Entretanto, nada demonstra essa supposição.

PETER IRWIN — Si o ciúme foi o movel, elle poderia ser suspeito si não houvesse jantado em Londres, com Bruce, na noite do crime.

LAWRENCE BRUCE. — Igualmente fóra de qual-quer suspeita, pois jantou com Irwin. E Bruce não tinha: nada a ganhar com esse crime e com elle perde, e muito, porque Ismay era o factor vital dos negocios do Syndicato Anglo-Americano de Theatros.

O CHEFE DO TREM. — Absurdo suspeitar-se delle, a menos que seja um louco homicida. Fazer uma investigação sobre seus antecedentes.

VICTOR BRAINTREE, «o homem do corredor» — Póde ter commetido o crime. Vigial-o de perto, prendendo o á primeira prova de que manteve relações com Enid ou com Ismay. Não tem aspecto de assassino, mas isso não quer dizer nada. Póde ter calçado luvas para commetter o crime, e isso explicaria por que deixou tranquilamente as impressões digitaes na cigarreira.

NOBBY. — Seriamente suspeito. Mesmo que não seja o assassino, póde estar envolvido no crime. Precisa ser encontrado, custe o que custar. Devia certamente estar á procura do dinheiro existente na bolsa da moça. Póde ter perdido a cabeça ao pensar que matara Enid e Ismay ao mesmo tempo, e jogado a bolsa fóra do trem, sem saber o que fazia. Não pensou, com certeza, que Ismay pudesse ter uma somma respeitavel no bolso. Si Nobby puder arranjar um «alibi» é preciso que esse «alibi» seja inatacavel. A menor supposição de haver estado no Trem da Meia-Noite póde levar-o ao carrasco.

OLIVER FOSS — Considera-lo culpado até que o caso tome novos rumos. As notas tachygraphadas re-

mos resultado algum, mas é nosso dever fazer um esforço. Suspeita particularmente de quem?

— Que pensa o senhor de Oliver Foss?

— Elles não se entendiam bem, mas custa a crer que Foss chegasse a esse ponto. E' um typo desonesto, mas é intelligente, bastante intelligente para arriscar o proprio pescoço.

— Não soube, senhor Bruce, que aqui esteve o inspector detective Silver, durante sua ausencia?

— Que queria elle?

— Pedir-nos todas as cartas de Foss existentes no Syndicato.

— E depois?

— Encontrei varias assignaturas de Foss nas cartas dactylographadas e duas cartas manuscritas. Silver levou-as.

— Pensa que Foss teria sido capaz de commetter o crime, Crump?

— E' uma pergunta de difficil resposta. Entretanto, tenho mais medo de um homem «encostado á parede» do que de um tigre acuado em sua toca. E o crime é uma das minhas paixões, quero dizer, o estudo dos crimes dos outros. Não troco uma cadeira no Tribunal de Old Bailey por todos os camarotes de theatro ou pelas poltronas de cinema. Já presenciei a condemnação á morte de dois homens e uma mulher. E qualquer pessoa mandaria em paz um desses homens só em olhar-lhe o rosto. Um rosto grave, triste, porejando bondade como o de certos missionarios. Impossivel affirmar-se si alguém é culpado ou não. Creio que é um negocio de estado de alma, no momento.

— Mas... Crump, um assassino é um assassino. Certo, senhor. Lembro me de um sacerdote durante o tempo da guerra. Não sou um homem despedido de qualidades de observação, e affirmaria ser o melhor christão encontrado em minha vida, e dessa especie de

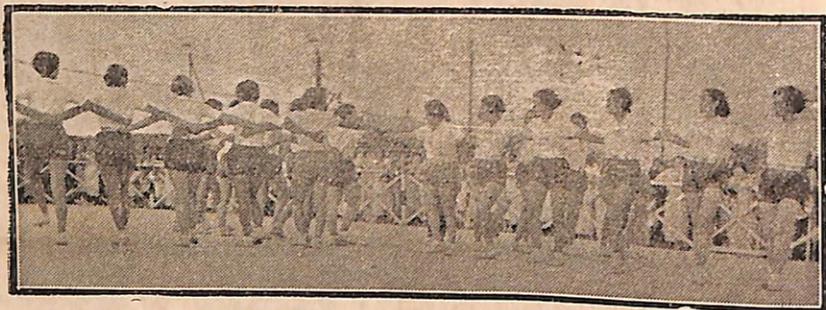
# A Escola Superior de Educação Phisica, visita Jundiahy

No dia 24 do mez de novembro teve o povo de Jundiahy o ensejo de receber a visita significativa da Es-

dialmente por Directores da Associação Esportiva Jundiahyense e pessoas de representação, tendo-se diri-

...A's 15 horas, a praça de esportes da Esportiva, encontrava-se repleta.

A valente turma de Vol-



Bailado rythmo pelas professoras da Escola de Educação Phisica

cola Superior de Educação Phisica de São Paulo, representada por diversos dos seus professores e alumnos.

Chegados á gare da S. P. R. pela manhã, rum total de 15 rapazes e 27 moças, foram recebidos cor-

rido ao campo do Paulista, para as demonstrações de athletismo.

Assistencia selecta e entusiastica bem como grande o numero de crianças que se prestaram ás primeiras demonstrações de ensinamentos phisicos.

ley Ball dos locaes, após jogo equilibrado, venceu uma partida e perdeu duas para os visitantes.

A animação foi geral, notando-se o interesse e carinho tanto dos visitantes como do nosso povo e dos directores da Esportiva.

# Mariscos

Homem sensato é todo aquelle que tendo a oppor-tunidade para conseguir o «impossivel», não o consegue porque pensa que pode prejudicar fulano ou... podem falar...

x

Mulher sensata: toda a mulher que querendo casar-se não o faz para não dar «atrapalhações» ao seu bem amado.

x

Toda mulher quer ser ingenua.

x

A malicia é um defeito que toda mulher possui.

x

Em amor, como em todas as coisas, quem menos anda vó.

x

O espolio do amor quando não é saudade, pode ser odio.

x

O espolio do odio difficilmente será amor.

x

Entre os muitos «infinitos» que se podem nomear, destacamos hoje, os caprichos da mulher.

x

Um homem raras vezes é caprichoso, mas quasi sempre é teimoso.

x

Malicia no homem não é defeito. E' doença e não tem cura.

Juan

homens para a qual é posto um tapete especial na porta do paraíso no dia de sua morte. Pois bem, numa tarde de um dia 17, particularmente infirmizado por um bombardeio de peças de grande calibre, seu estado de alma mudou.

Crump fez uma pausa, o olhar perdido nas sombras do passado.

— Ordem de assalto. O bombardeio diminuiu, mas as metralhadoras crepitavam terrivelmente. Nosso batalhão, depois de conquistar a primeira trincheira, foi varrido e perseguido pelos ocupantes da segunda. Recuamos perseguidos. Um alemão gigante investiu rindo e de bayaneta em riste contra o nosso soldado-sacerdote, que era pessimo soldado e optimo sacerdote. Apesar da situação terrivel em que nos achavamos, os nossos restos de batalhão guardaram aquella scena até a morte. O sacerdote transformou-se, vencendo facilmente o inimigo. Derrubou-o por terra e deitou-se sobre elle apunhalando o com uma pequena faca de cortar pão. Parecia um louco. Precisamos arrancal-o de cima do cadaver que estava literalmente crivado de facadas. Bruce ouvira-o attentamente.

— Compreendo. Entretanto, os homens de negocios, ainda que fortemente rivaes, não têm o habito de se entrematarem. E' possivel que Foss seja uma excepção. Quero que nos ajude, Crump. Si o assassino de Ismay era conhecido delle ha probalidades, e muitas, de que seja tambem nosso conhecido.

— Tenho uma idéa...

E Crump fez uma pausa entreccerrando os olhos e continuou:

— Já que posso falar com franqueza, e que os homens de negocios não têm o habito de se entrematarem, como o senhor affirma — e o tom de sua voz desceu — ha uma cousa no mundo chamada ciueme.

juven! Com um pequeno movimento, o vestido descobria uma pollegada de coxa, além do enrolado da meia, cuja pennugem dourada e fluida parecia feita de um raio de sol.

O coração martelava lhe no peito como o de um garoto vendo, pela primeira vez, de olho collado ao buraco da fechadura, os mysterios do corpo da priminha que se despe para o banho.

## CAPITULO VIII

### Silver viaja

Quando o inspector Silver tornou á sua sala de Scotland Yard, estava resolvido a fechar a porta a todo o mundo e a fazer, em silencio, uma pequena recapitulação mental.

A luminosa hypothese de que Nobby e Foss eram uma só pessoa não se sustentara. As cartas de Foss enviadas pelo Syndicato não tinham, em absoluto, letra parecida com a do bilhete de Nobby.

Silver fumava um cigarro após outro, olhando o tecto e com os pés em descanso no lugar habitual, em cima da escrivaninha. Considerou, um após outro, todos os personagens que entravam no seu campo de acção, depois que se encarregara daquelle caso do Trem da Meia-Noite.

Apanhando um bloco de papel, poz-se a transcrever os resultados do trabalho mental. E o methodo dava, ás vezes, effeitos clarificadores.

O lapis corria sobre o papel.

MOVEL -- Apparentemente, não se trata de roubo. Ismay — encontrado com uma somma consideravel no bolso e um relógio de grande preço. A senhiorinha Mu-

## Por causa de um beijo

— E' certo?  
— Juro!  
— Vaes casar?  
— Vou.  
— Quando?  
— Dentro de quinze dias.  
Sentaram-se á mesa do bar. Pediram bebidas.

Roberto, o amigo que se mostrava espantado, falou:

— E' de causar surpresa. Tu, bohemio incorregivel, casares com uma pequena burgueza, typo vida-domestica?

— Mas é para evitar aborrecimentos — esclareceu Paulo.

— Como assim? Que houve então? Não a amas?

— Não.

— Não comprehendo.

— Caso contra a minha vontade.

Neste seculo?

— Não ha de ser no passado. Nem no futuro..

Beberam. Um silencio. Roberto interrompeu-o:

— Com que então não é um casamento de inclinação.

— Absolutamente.

— Nem de interesse?

— Da parte della.

Outro espanto de Roberto.

Paulo elucidou o caso:

— Da parte della porque é Helena que tem interesse em satisfazer as exigencias da familia.

## Casa Selecta

— DE —

Alfredo Cabral

Rua São José, 3 --- Telephone, 517-j-13

Grande sortimento de calçados,  
meias e armarinho.

Preços absolutamente modicos.

— E tu, que farás?  
— Gozar-lhe-ei o dinheiro na Europa.  
— Com ella?  
— Si for possivel — com outra.

Roberto ficou silencioso olhando o copo.

Paulo bebeu sorridente.

— E tudo isso se cifra a uma questão sem importancia. O motivo que provocou essa pressão da familia, essa reparação moral foi um beijo.

Escandalizado, Roberto arregalou os olhos.

— Um beijo?

— Sim.

— Que ella te deu?

— Que lhe roubei, tendo sido surpreendido pelo pai. Este gritou:

— «Minha filha! Coitada! Desesseis annos apenas! Bandido! Tem que casar!

E como a pequena é riquissima...

O outro meditou um momento. E teve este remate á palestra:

— Mas então porque passamos por uma casa de fructas e roubamos, distrahidamente, uma uva, segue-se que devemos comprar o cacho inteiro?

Paulo ironisou:

— E o peor é quando a uva é azeda...

### Dr. Jurandyr Rocha

Cirurgião-Dentista

Approved e habilitado em concurso pela Marinha Nacional execute todo e qualquer serviço pelos processos mais modernos em Odontologia.

R. ENG. MONLEVADE, 45  
PHONE, 607

## A Favorita

Foi, é e será a casa loterica de maior seriedade e confiança. Adquira o bilhete que fará a sua felicidade.

RUA BARÃO, 106 — TELEPHONES, 424 e 585

## O AVARO

Em muitas leguas em torno se falava das riquezas do avaro comodos thesouros que explendem nos contos. Meio seculo de privações haviam ellas custado a seu dono. E privações deante das quaes teriam recuado os mais denodados penitentes. E aquelle homem sem piedade nem caridade comsigo mesmo não podia guardal-as para os outros, e o certo é que em torno d'elle brotavam as maldições como espinhos em terra secca.

Mas um dia, um mal de mysterio e de terror domou-o e tirou-lhe a força dos braços e dos pés. E aquelles a quem a miseria tornava injustos occultaram mal o seu contentamento, e murmuraram:

— São antecipações do inferno.

E o enfermo consultou o medico, feiticeiro indigno. E este consultou seus oráculos e disse:

— E' preciso um grande sacrificio.

O enfermo suspirou, e esperou com a alma suspensa:

— Um sacrificio verdadeiro — insistiu o mago. Deves entregar toda a riqueza que tuas mãos juntaram, mas absolutamente toda, ao primeiro necessita-

do que chegue a tua porta, e ficarás livre de toda angustia.

E o avaro teve de se resignar, depois de grandes attribuições.

E eis que chegou a sua porta uma mendiga velha como o tempo e fraca como a miseria. E o avaro de balde tentou levantar-se. Sua alma tremia em sua voz. Afinal, elle cahiu para não mais se erguer.

Porque aquella mulher era a morte.

Luiz Franco



## A Esperança

A mãe ensinava o filho a rezar. E o menino, com uma dessas precocidades que entristecem o coração do sabio e são injuria do tempo, insistiu, mais uma vez, porque lhe explicassem a vida do ceo. E a mãe falou dos anjos, suaves como a brisa da manhã, e das musicas celestes, melhores do que as pedrarias para o vaidoso, e da gloria de adoração

ao Senhor, semelhante á do cego que recobrasse a vista...

— Sim — disse o pequeno, caviloso. — E que mais, mamãe?

E a mãe espantou se:

— Que mais? Meu filho, isto; a felicidade eterna, invariavel.

E elle murmurou, pestanejando:

— Oh, sim!... E o purgatorio?

E a mãe respondeu:

— E' a morada da penitencia e da oração e tambem da esperanza de gloria.

E o menino disse, então, muito serio:

— Prefiro ir para o purgatorio, mamãe.

LUIZ FRANCO

## Maneira facil

Um rapazito entra numa mercearia e dirigindo-se ao dono da casa, que está ao balcão, pergunta:

— Faz favor de me dizer quanto somma: meio kilo de assucar, a doze vintens, dois pacotes de velas a 180 e duzentas e cincoenta grammas de café a sete tostões?

O merceeiro, fazendo a conta:

— E' tudo 655 réis.

O rapaz, muito contente, pondo-se em marcha:

— Obrigado. Até o mestre se vae admirar de eu levar hoje o exercicio tão certo!

# RAPSODIA : = : BARBARA



O chefe celtibero, senhor de cem tribus façanbudas e de guerreiros que eram incontaveis, acabára de morrer da chaga que lhe abriera lança audaz, na ultima batalha que travára, lá em baixo, nas planicies, junto ao mar.

E, como o chefe celtibero morrera, todo o barbaro povo das montanhas desceu em turbilhão pela montanha, como pedras rolando pela montanha.

Armados de longas e pesadas lanças, vieram seus possantes homens d'armas, de musculos tão rijos como pedras e de cabellos tão duros como cerdas.

Vieram os adolescentes que pastoreavam os buffalos e as douzellas que apascentavam as cabras; vieram, ainda, os augures brancos que immolavam aguias e os augures negros que immolavam abutres.

Cem aguias se immolaram para que bem denodado fosse o ataque nas

pelejas; cem abutres igualmente o foram, para que bem sangrento fosse o morticinio quando as hordas cahissem sobre a presa, como os abutres cahem sobre a presa.

Todos vieram, enfim, para o funeral do chefe que tombára, do golpe aberto pela lança audaz, na ultima batalha que travára, lá em baixo, nas planicies, junto ao mar.

## II

No vasto campo das ligas, de mais de cem esteiros de comprido, postárase, contracta, a multidão.

E, na fogueira enorme, erguida em meio no campo, seguindo o velho rito, iam queimar o corpo do guerreiro.

Começára o funeral.

Emquanto o velho chefe era queimado, os seus mais destemidos cavalleiros, em loucas cavalgadas, rodopiando em torno da fogueira, repetiam-lhe as façanhas mais notaveis.

E, a cada feito que estes proclamavam, a multidão inteira, bracejante, repetia, unisona, por tres vezes, o nome augusto do guerreiro extinto.

E disse um cavalleiro: «Como era forte, o nosso chefe! De uma feita, na investida, a um só golpe de lança, transpassou seis valentes contendores. Como era forte o nosso chefe!

Um outro disse: «Foram grandes seus feitos nas caçadas. Era tamanha a força do seu arco, que ia ferir as aguias nas alturas. Temiam-lhe o contacto as proprias feras, pois elle era mais feroz do que as feras.»

E disse um outro ainda: «Era cruento o nosso chefe! Em seguida ás ba-

Somente uma organização perfeita poderá offeracer um serviço completo

Prefiram a

## CASA CARIOCA

para as suas compras.

Variado sortimento de moveis e tapetes. Facilidades nos pagamentos.

Grave bem na memoria:

## CASA CARIOCA

Rua Rangel Pestana, 2, 4 e 6 — Telephone, 429 — Jundiahy

Visitem sem compromisso de compra.

ADVOGACIA

JOÃO BAPTISTA FIGUEIREDO

PROVISIONADO

ACCEITA SERVICOS FORENSES  
EM QUALQUER COMARCA  
DO ESTADO

AVEN. DR. CAVALCANTI, 84

JUNDIAHY

talhas, quando se iniciava o morticínio, ninguém se lhe igualava no massacre. Os golpes de sua espada eram rápidos, certos e impiedosos. Era como uma tremenda tempestade desencadeando coriscos! Como era cruento, o nosso chefe!»

E foi, assim, durante muitas horas, decorrendo a estranha cerimonia.

## III

E quando a fogueira imensa estava a extinguir-se, uma zagalá de feições suaves, moça que apascentava, num outeiro proximo, um rebanho de cabras, chegando-se bem junto do brazeiro, disse:

«Sim. Era bem forte o nosso chefe. Elle era o mais forte dentre os fortes. O nosso deus Teranio, domador de raios, estrangulou, de uma feita, a um só momento, dois leões. Elle, no entanto, o nosso chefe, era mais forte do que um Deus.»

Fez-se um grande silencio cheio de expectativa. os cavalleiros, cansadissimos, como após ás batalhas; as mulheres, com os filhos enganchados nas ancas, desgrenhadas; os pastores, os augures, todos se acercaram da zagalá para ouvi-la.

E ella prosegueu:

«A's vezes, quando elle passava nas estradas com o cortejo dos seus homens d'armas, eu lhe atirava flores dos barrancos, mas nunca se voltaram para mim os seus olhos pesados, os olhos que eram quaes duas negras aranhas, na teia dos seus cilios...»

E da fogueira, então já quasi extincta, soltou-se um novelo de fumaça que se perdeu, em pouco, no infinito...

Napoleão de Carvalho

## Jardim da Saudade, do Amor e da Felicidade.

**Praça João Pessoa — jardim dos namorados.**  
Certa vez pensei commigo mesmo, porque não tinha a quem externar meu pensamento, que alli era o Jardim da Saudade, do Amor e da Felicidade... Pensaria certo? Talvez.  
Três historias me fizeram pensar assim.

## I

Uma mulher bella e seductora, conhecera, tempos atraz, um jovem. Durante longo tempo foram um par feliz. A mão do Destino, porem, levou-o, um dia, para muito longe.

Na longa ausencia não veio uma carta nem uma noticia laconica.

A mulher bonita pensou: «Com certeza morreu...»

A saudade fe-la chorar muito: Envelheceu naturalmente.

Nunca mais, na belleza de seus olhos, viu-se um lampejo de alegria.

Inda hoje, nas noites de luar, sentada sob a paineira frondosa, ella chora o amor que perdeu.

A Praça João Pessoa, para essa mulher, com certeza, não existe. Existe, sim, o Jardim da Saudade...

## II

Outra mulher, muito joven e muito bonita, todas as noites toma logar num banco. Quando chega já a espera o namorado.

Longas horas alli estacionavam, fazendo juras de amor, de fidelidade e de felicidade.

Promessas — essas promessas tão communs neste seculo de delirio...

Esta mulher deve ter comsigo a certeza de que a Praça João Pessoa não existe. Existe, sim, o Jardim do Amor...

## III

Ultima historia:  
Um casal de velhos, cujo numero de primaveras já constitue um marco solido na existencia, todas as noites toma logar num dos bancos da Praça João Pessoa.

Quanta vez, procurando nos logares ermos a felicidade que não acho, quanta vez não admirei esse casal de velhos cuja felicidade não foi, nem de leve estremeçada.

Que maravilha esse casal de velhos!  
Com certeza, para elles, a Praça João Pessoa não existe. Existe, sim, o Jardim da Felicidade...

JOÃO DE DEUS

# BONBONNIÈRE

Carlos Ocampo, o extraordinario chronista de «La Novella Semanal», escreveu uma de suas melhores paginas, observando os pares amorosos que vemos passar «buscando o amparo das sombras e do silencio».

Quero traduzir os ultimos trechos dessa linda chronica do escriptor argentino.

«Os pares amorosos são necessarios em nossa cidade. Não põem, acaso, um remanso na febre dos que vão e vêm por estas ruas ferventes de egoismo? Um par de namorados, que encontramos em nosso caminho, é como uma paisagem que se abre, de subito, ante nossos olhos Obrigamos a encurtar o passo e a por-lhe o rythmo que está dentro de nós. E vamos imaginando a canção. Vamos traduzindo em nosso intimo, as simples e eternas palavras, cuja musica vem do fundo dos tempos. Ella e elle: nós, talvez, dez, vinte, trinta annos atraz. O amor em seu balbuciar, em suas esperanças, em suas illusões

«Casaremos — diz elle, enquanto roncam os «kaxons» dos autos, enquanto o campainhar dos bondes e a exaltação dos «omnibus» rythmam uma vertigem de loucura — casaremos; teremos uma zasinha toda branca, cheia de limpeza e de flores, um paraíso para nós dois e no qual a miseria não se atreverá a entrar.

Trabalharei, pondo em minha vontade a canção de teu amor. Tu, com tuas caçarolas novinhas, farás milagres, verdadeiras obras de prestidigitação que servirás nos pratos, na hora do almoço e do jantar. Um passarinho de ouro, em uma gaiola, que te acompanhe todo o dia, para recordades que assim estou eu prisioneiro em ti: cantando. Um vestido novo para ti, para os dias de festa, e um «pegnoir» largo, para andar em casa. E eu, um terço por anno, que tú renovarás todas as semanas, com dez tostões de benzina. Depois, um nenê. Como será lindo o nosso nenê!! Terá teus mesmos olhos, claros assim, por-

que por elles não se filtra a tristeza; terá tua mesma brancura, e esse mesmo signal que tens aqui no hombro...»

Nas horas em que cahem as sombras, quando as officinas e os «ateliers», as lojas e as fabricas, abrem suas boccas para deixar sahir seus empregados e operarios; quando sahem operarios e empregados com a alma vazia pelo canção e o corpo adormecido pela tarefa diaria, é quando a cidade começa a ver as suas ruas enfeitadas de pares amorosos. São os pares que se fundem nas sombras para illuminar a tristeza de suas vidas com um pouco de illusão, com um pouco de poesia com um pouco de mysterio. Vão formando, assim, symbolos; vão dei-

**Dr. Antenor S. Gandra**  
Medico Operador

Consultas diariamente das  
10 ás 13 horas, á

Rua Barão, 115. Phone, 357

## A Electro Metallica

Fabrica: Turbinas hydraulicas modernissimas: rodas typo «PELTON»; reguladores automaticos a pressão de oleo e electricos. Mais de 400 installações executadas. Fabrica estas machinas em diversos typo, tanto para installações modernas ru-raes, como todos os aperfeiçoamentos para installações de luz e força para cidades e villas. 20 annos de experiencia nesta especialidade estão á disposição dos snrs. clientes. Peçam orçamentos detalhados.

RUA BARÃO DE JUNDIAHY, 1

CAIXA POSTAL, 21—JUNDIAHY



# Açougue Minerva



— De —

## Hugo Picchi

Rua Prudente de Moraes, 188

Telephone, 17



Neste modelar açougue, encontram-se sempre especial linguça de porco pura, misturada e chouriço. Carne de vacca, de gado especial, e de porco, emfim tudo que se relacione com o ramo.

Os pedidos serão attendidos prontamente pelo phone n. 17 com a maior rapidez, e absoluta seriedade.

xando ao passar por nós, uma ternura, a evocação de uma doce lembrança.

Os pares amorosos são necessários à nossa cidade. Elles põem uma suave emoção nos corações torturados dos que trabalham, dos que e sonham. Elles põem um verso na alma; elles despertam a dulcíssima canção que é a fonte de toda a belleza e que anima todas as coisas nobres da vida.

Foi num theatrinho de variedades, entre o scenario pobre e as grinaldas baratas que o empresario mandára suspender deante da platéa. Foi alli, daquelle tablado de madeira, que me veio um doloroso desengano, da illusão que eu ainda guardava de nosso amor. Não foi na accepção do termo, um desengano; foi a perda da sua poesia que ficara no passado, na musica de uma canção deliciosamente emotiva daquelle canção que você cantava ao telephone, para que eu ouvisse, ou na escada de sua casa, quando, sentados nos degraos amigos, teciamos os nossos sonhos queridos, os nossos sonhos que hoje, ao recordal-os, tenho a impressão de que foram realmente sonhados...

A orchestrinha começára, apenas, perversamente indiscreta, o nosso longinquo poema musical que eu jamais ouvira a não ser de seus labios, quando me beijavam o ouvido -- e já meu coração se confrangia, na dolorosa lembrança de vo-

cê, meu pobre amor, e na repulsa que me causava aquella profanação execravel.

Uma figura colorida, de bailarina aposentada, pulando para o palco, começou a uivar os versos que eu não queria comprehender, que eu não podia admittir naquelle logar, ante aquella mulher...

Oh! Que supplicio ouvir as phases que eu sempre evocava, na distancia de nossa separação, repetidas pela carcassa que se movia no tablado, repetidas pelo publico imbecil e sujo que trazia para alli a sua concuspencia de faunos de quarta classe.

Não sei como pode supportar calado, á revolta que me fazia odiar aquella corja, vendo a espojar-se numa alegria animalesca e berrar a canção do nosso amor, do nosso passado, a musica que era, em nosso lindo romance, um parenthesis de commovida evocação...

E eu, que sou tão zeloso do ssgredo de minhas aventuras...

Sahi para a rua, com um amargo sentimento na alma. A canção que fora para mim, a sombra de uma mulher cuja vida passara juncto á minha e que eu via embebida numa calma felicidade, ficára para sempre como um adeus naquelle theatrinho de variedades, entre o scenario pobre e as grinaldas baratas que o empresario mandára suspender deante da platéa...

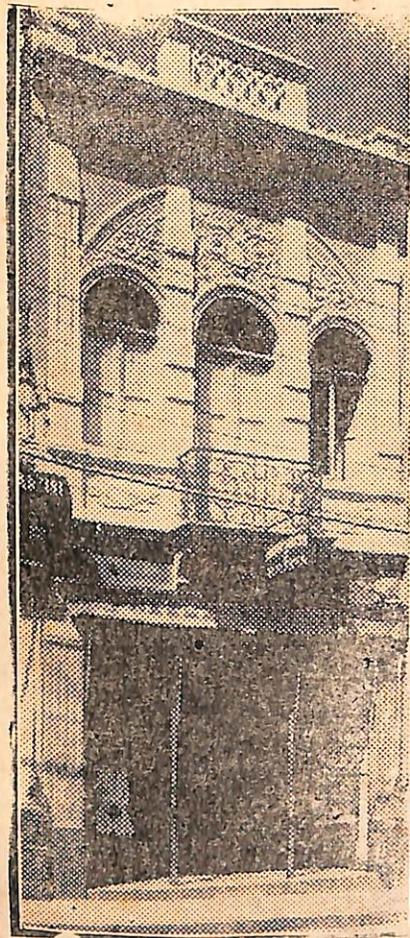
LOUVIGNAC

# PHARMACIA



# ITALIANA

CASIMIRO BRITES FIGUEIREDO  
LICENCIADO EM PHARMACIA  
R. BARÃO DE JUNDIAHY, 110. PHONE, 21. JUNDIAHY



Productos chimicos e pharmaceuticos  
Riguroso e esmerado serviço de laboratorio  
Leites e farinhas infantis  
Aguas mineraes  
Deposito de artigos dentarios  
Productos da Flora Medicinal  
Productos veterinarios  
Homeopathias dos mais acreditados laboratorios

Entregas domiciliaries, rapidas.  
Serviço nocturno.

Servir se na PHARMACIA ITALIANA é comprar o melhor producto pelo melhor preço.

# BIOGLANDOL

Empregado com extraordinario successo na

Impotencia,  
fraqueza sexual.  
debilidade nervosa,  
etc.

U S E

## Laxo-Fructas

Purgativo gazoso de sabor agradavel e effeito prompto.